

letras & música

Semeando



Saete Rêgo Barros



Semeando letras & música

Salete Rêgo Barros

SEMEANDO LETRAS & MÚSICA

Recife
Novoestilo Edições do Autor
2022

Copyright © 2022, Salete Rêgo Barros

<https://culturanoordestina.com.br/semear-letras-musica/>

Capa e projeto gráfico-editorial: Salete Rêgo Barros

Ilustração: imagem reprodução

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Barros, Salete Rêgo

Semeando letras e música / Salete Rêgo Barros. --

1. ed. -- Recife, PE : Novoestilo Edições do Autor, 2022.

Bibliografia.

ISBN 978-65-88273-23-4

1. Identidade cultural - Pernambuco (PE) 2. Música
3. Música brasileira 4. Música - Apreciação crítica
5. Pernambuco (PE) - Cultura I. Título.

22-137868

CDD-780.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Música : Apreciação crítica 780.9

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Edição: Novoestilo Edições do Autor

Rua Luiz Guimarães, 555, Poço da Panela, Recife-PE

<https://www.culturanoordestina.com.br/novoestilo>

Fones: 81 30973927 | 981137126

ESTA PUBLICAÇÃO É O REGISTRO DA PARCERIA, EM REGIME DE FOMENTO, ESTABELECIDA ENTRE A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA ESTADUAL E A ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL REDE DE ASSOCIADOS LETRAS & ARTES – LETRART – COM RECURSOS ORIUNDOS DA EMENDA PARLAMENTAR ESTADUAL Nº 000481/2021 – DEP. WANDERSON FLORÊNCIO.

EQUIPE:

ACADEMIA DE FORMAÇÃO AUDIOVISUAL: PRODUÇÃO AUDIOVISUAL
ALESSANDRA CECÍLIA LOYO CAVALCANTI: PESQUISA / ENTREVISTAS / EXPOSIÇÃO DE CONTEÚDOS
SALETE RÊGO BARROS: ELABORAÇÃO DO PROJETO / COORDENAÇÃO GERAL / PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E PREPARAÇÃO DE TEXTOS
AULA-ESPETÁCULO – APRESENTAÇÃO: ALESSANDRA CECÍLIA LOYO CAVALCANTI | PARTICIPAÇÃO ESPECIAL: BIA CAVALCANTI, GETÚLIO CAVALCANTI E JÚNIOR CHUMBAGO



Secretaria de
Cultura



GOVERNO DO ESTADO
PERNAMBUCO
MAIS TRABALHO, MAIS FUTURO.

A música nordestina reflete, desde as suas origens, o mundo real através das toadas de lamento dos escravos saudosos de sua terra natal e dos aboios dos vaqueiros que transmitiam, através do canto, um cotidiano de lutas num ambiente inóspito e rústico.

Apresentação

A música é um dos elementos mais reconhecidos na identidade cultural do Estado de Pernambuco. Possui base luso-brasileira e influências africana, indígena e europeia. Tudo isso faz da nossa cultura uma das mais ativas, ricas e diversificadas, constituindo-se como um dos pilares da cultura brasileira.

No final de 2021, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) concedeu ao Recife o título de "Cidade da música", condecoração que vem sendo dada, desde 2004, a cidades do mundo inteiro que investem em criatividade. Trata-se, portanto, de uma cooperação internacional de grande relevância.

Ao longo da história da música brasileira, a capital pernambucana sempre teve o seu lugar de destaque como importante polo de iniciativas em eventos, pesquisas e memórias musicais, além de se mostrar como um celeiro de grandes artistas.

Em Pernambuco estão presentes as origens de um dos maiores símbolos culturais brasileiros: a capoeira, surgida no Quilombo dos Palmares, no final do século 16. Da então capitania de Pernambuco, a capoeira se espalhou pelo território brasileiro e influenciou a dança do frevo e do coco de roda, dando origem ao samba de roda, levado depois para a Bahia e o Rio de Janeiro.

Em nosso Estado surgiu, também, o primeiro poema da literatura brasileira, em 1601. Foi escrito por Bento Teixeira e se chama Prosopopeia. Conta as façanhas da família

Albuquerque e foi dedicado ao então governador de Pernambuco, Jorge de Albuquerque Coelho.

Dada a relevância da música pernambucana no cenário local e nacional, o projeto Semear letras & música foi pensado como fonte auxiliar de conhecimento de um dos nossos mais importantes elementos culturais, para professores e alunos do ensino médio da escola pública do Estado de Pernambuco.

Oito itens considerados essenciais serão abordados com foco nos que pretendem, futuramente, seguir a linha do empreendedorismo cultural ou da profissionalização nos diversos segmentos que envolvem a cadeia produtiva da música:

1. Escolas e movimentos culturais que tiveram influência na origem de letras e ritmos genuinamente pernambucanos
2. Impacto social, político, cultural e econômico da música no Estado de Pernambuco
3. Análise e interpretação de letras
4. Principais nomes do cenário musical contemporâneo: instrumentistas, compositores, arranjadores, intérpretes, agremiações, orquestras, corais, clubes
5. Cursos livres; graduação e especializações
6. Profissões
7. Formação de grupos e agremiações
8. Mercado de trabalho

Esta experiência se apresenta com potencial suficiente para que seja lançado um novo olhar sobre as variadas possibilidades oferecidas pela cadeia produtiva da música e pela descoberta de novos talentos que, aliados à técnica,

podem trazer impacto positivo na geração de emprego e renda do Estado de Pernambuco, por ser a música a expressão artística mais presente no cotidiano das pessoas, independentemente de classe social, faixa etária ou grau de instrução. Os nichos de mercado vão das canções de ninar às de louvação, passando pelas de protesto, de amor, de meditação, as carnavalescas e as juninas entre tantas outras.

De uma forma ou de outra, a música faz parte da vida de todas as pessoas, seja em casa, no carro, nas festividades ou nas igrejas. Antes mesmo da invasão portuguesa, a música já fazia parte da expressão cultural dos povos indígenas; da África os negros escravizados trouxeram a sua musicalidade e, importada da Europa, a música erudita chegou moldando a criatividade dos compositores brasileiros.

Entre o crepúsculo do século 19 e a madrugada do século 20, grandes transformações aconteceram na sociedade brasileira. Com a chegada das vanguardas europeias futuristas há uma quebra de temas, da erudição linguística e da forma tradicional do fazer artístico.

Este período de transição caracteriza-se pela necessidade de expressão da inquietação que atinge todas as linguagens artísticas. A literatura começa a assumir a sua forma crítica, no Brasil, com Euclides da Cunha, Lima Barreto e Monteiro Lobato, que abordam temas, até então tabus, e que abrem feridas até hoje não cicatrizadas: violência, racismo, preconceito e desigualdade social.

Salete Rêgo Barros
Elaboração e coordenação geral do projeto

Sumário

<i>I – As origens da música em Pernambuco</i>	13
1.2. <i>Gêneros musicais</i>	14
1.3. <i>Movimentos culturais típicos de Pernambuco</i>	20
1.3.1. <i>Movimento Armorial</i>	23
1.3.2. <i>Movimento Manguebeat</i>	24
1.4. <i>Patrimônio imaterial da humanidade</i>	26
<i>II – Cadeia produtiva da música e o seu impacto sociopolítico e cultural</i>	28
<i>III – Análise e interpretação de letras</i>	31
3.1. <i>A arte engajada</i>	31
3.2. <i>A experiência pedagógica da música em sala de aula</i>	33
<i>IV – A nova cena musical em Pernambuco</i>	35
4.1. <i>Projetos</i>	36
4.2. <i>Eventos</i>	36
4.3. <i>Editais FUNCULTURA</i>	37
4.4. <i>Principais nomes da nova cena musical pernambucana</i>	38
4.4.1. <i>Amaro Freitas</i>	38
4.4.2. <i>Cláudio Rabeca</i>	39
4.4.4. <i>Laila Campelo</i>	40
4.4.6. <i>Pablo Romeu</i>	46
4.4.7. <i>Thiago Emanuel MARTINS</i>	47
4.4.8. <i>Loyo Cavalcanti</i>	49
4.4.8. <i>Aglaia Costa</i>	49
4.4.9. <i>Amílcar Almeida Bezerra</i>	50
4.4.10. <i>Cassius Cavalcanti</i>	51
4.4.11. <i>Elton Sarmiento</i>	52
4.4.12. <i>Gizelle Dias</i>	53
4.4.13. <i>Jau Melo</i>	54
4.4.14. <i>João Paulo Albertim</i>	55
4.4.15. <i>Júnior Chumbago</i>	56
4.4.16. <i>Júnior Vilarim</i>	56

Semear letras & música

4.4.17. <i>Lucas Correia</i>	57
4.4.18. <i>Valéria Moraes</i>	58
4.4.19. <i>Verônica Sanfoneira</i>	60
V – <i>Educação musical</i>	63
5.1. <i>Conservatório Pernambucano de Música - CPM</i>	64
5.2. <i>Escola Técnica Estadual de Criatividade Musical</i>	67
5.3. <i>Centro de Educação Musical de Olinda - CEMO</i>	68
5.4. <i>Departamento de Música da UFPE</i>	69
VI – <i>Grupos e agremiações</i>	71
6.1. <i>SaGRAMA - Grupo Pernambucano de Música Instrumental</i>	71
6.2. <i>Reverbo</i>	76
6.3. <i>Em Canto e Poesia</i>	77
6.4. <i>Agremiações</i>	79
VII – <i>Mercado de trabalho</i>	85
7.1. <i>Indústria cultural</i>	87
7.2. <i>O encantamento das massas</i>	88
7.3. <i>A linguagem audiovisual</i>	90

I – As origens da música em Pernambuco

A cidade do Recife era, no passado, uma aldeia de pescadores fundada em 12 de março de 1537. Passou à condição de vila em 19 de novembro de 1709, e se tornou a capital do Estado de Pernambuco em 15 de fevereiro de 1827.

A sua formação geográfica inclui as ilhas de Santo Antônio, São José e a do Recife, ligadas por 135 pontes que dão acesso ao centro e à periferia da cidade.

Pernambuco é conhecido pelas lutas libertárias aqui travadas contra colonizadores portugueses, holandeses, pela independência do Brasil-colônia e pela abolição da escravidão. Pessoas de diversas nacionalidades por aqui chegaram trazendo na bagagem: língua, ritmos, dança e instrumentos musicais; também a culinária, os costumes, vestuários e adereços, elementos que, misturados, formaram a nossa identidade cultural.

Dos povos de origem africana herdamos, entre outras coisas, os ritmos, os pregões e os tipos populares, entre eles os carregadores de piano que, entoando as suas loas, carregavam nos ombros os instrumentos até o seu destino.

Pode-se dizer que, no Brasil do início do século 20, os bens de consumo em escala industrial não existiam e, em sua maioria, os produtos eram importados, inclusive instrumentos musicais, discos, etc.

O Recife era considerado a terra da poesia e da música pelas atividades presentes nos saraus realizados com frequência nas residências da intelectualidade pernambucana. A beleza natural da cidade, seus rios e suas pontes

eram fontes perenes de inspiração para poetas e compositores que também apresentavam em suas composições a política, o humor do cotidiano da cidade, as grandes descobertas, as crises econômicas e a moda. A música de ópera e os concertos chegavam com as companhias que se apresentavam no Teatro de Santa Isabel.

A maioria dos compositores pernambucanos despontou no cenário nacional através das companhias de teatro que por aqui passavam, incorporando o repertório dos músicos locais às suas temporadas. Dessa forma, alguns alcançaram notoriedade e conseguiram marcar presença no rádio e na indústria fonográfica do Sul do país, sendo despertada a preocupação em se construir uma música autenticamente brasileira.

1.2. Gêneros musicais

A música, que significa “a arte das musas”, é um dos principais elementos presentes em nossa cultura há, pelo menos, 35.000 anos, e teve várias funções no decorrer da história: louvar os deuses, exaltar autoridades, lutar, denunciar, etc. Há indícios de que desde a pré-história já se produzia música, provavelmente como consequência da observação dos sons da natureza. É de cerca do ano de 60.000 a.C. o vestígio de uma flauta de osso e de 3.000 a.C. a presença de liras e harpas na Mesopotâmia.

A música “monofônica” (que possui uma única linha melódica), sacra ou profana, é a mais antiga que conhecemos e é denominada de “Cantochão”. Já a música utilizada nas cerimônias católicas era o “canto gregoriano”.

A música dos povos originários brasileiros é parte do universo cultural dos indígenas que habitam o nosso território há mais de 35 mil anos. É uma das atividades mais importantes na socialização e identidade das comunidades, e está associada às tradições, mitos, história, costumes e vivências, tendo uma grande variedade de expressões, usos e significados.

A tradição musical indígena é viva, predominantemente coletiva e qualitativa, no sentido que privilegia a qualidade sonora. É constantemente executada nos rituais religiosos. Ao serem incorporados novos elementos, não-indígenas, ela mantém preservados valores e formas que a associam ao mundo mágico e transcendental.

Para alguns povos indígenas, a música foi um presente dos deuses entristecidos com o silêncio do mundo humano; para outros é originária do mundo dos sonhos.

Existem relatos, sobre o canto tupinambá, do sapa-teiro e seminarista francês Jean de Lévy¹, que esteve no Brasil, na atual cidade do Rio de Janeiro, em 1556, e do sacerdote espanhol Antonio Ruíz de Montoya², que aqui esteve em missões, no estado do Paraná, e que estudou a arte de gramática na língua tupi, incluindo várias categorias musicais do guarani.

Estudos recentes têm-se multiplicado a partir do trabalho de pesquisa de Villa Lobos³ e de Mário de Andra-

¹ (1536-1613)

² (1585-1652)

³ (1887-1959), compositor, maestro, instrumentista e pesquisador.

de⁴, este pioneiro no campo da etnomusicologia ou antropologia da música ou, ainda, etnografia da música – ciência que estuda a música em seu contexto cultural. Sua influência ultrapassa as fronteiras do país.

A cultura africana chegou ao Brasil com os povos escravizados trazidos da África durante o longo período em que durou o tráfico negreiro transatlântico, contribuindo em vários aspectos com a cultura brasileira na dança, música, religião, culinária e língua. Atualmente, essa influência se faz notar fortemente em várias regiões do país.

Os ritmos que estão nas bases de boa parte da música popular brasileira são de origem africana. O lundu, entre outros gêneros musicais coloniais, deu origem à base rítmica do maxixe, samba, choro, bossa-nova e outros gêneros musicais. Os instrumentos: berimbau, afoxé, agogô, tambor, atabaque, cuíca, alguns tipos de flauta e marimba são heranças africanas. O berimbau é utilizado para criar o ritmo que acompanha os passos da capoeira, mistura de dança e arte marcial criada pelos escravos no Brasil-colonial.

A música popular urbana no Brasil-imperial teve nos escravos que trabalhavam como barbeiros em Salvador e no Rio de Janeiro, uma de suas mais ricas expressões. Cantos, como o jongo, ou danças, como a umbigada, são também elementos culturais provenientes do continente africano.

A música nordestina é diversificada e representa as matrizes étnicas que convivem há séculos em território brasileiro. Essa longa convivência ensejou uma musicalida-

⁴ (1893-1945), poeta, contista, cronista, musicólogo, fotógrafo e historiador de arte.

de que retrata a nossa miscigenação histórico-cultural no instrumental, no sistema harmônico, nos cantos, nas danças, no ritmo e na cadência dos batuques e síncopes dos africanos (batuques acompanhados de percussão, tambores, atabaques e marimbas e ainda palmas, xequerês e ganzás); dos nativos (cantos das danças rituais indígenas acompanhadas por instrumentos de sopro – flautas de várias espécies, trombetas e apitos – e por maracás e bate-pés) e dos europeus (música erudita, música religiosa, cantochão das missas e hinos e os toques e fanfarras militares).

Desde o início dos anos 90 do século 20, o Nordeste vem sendo palco de um processo de renovação musical, um estilo que resulta da fusão de vários estilos, processo de hibridização consubstanciando-se a partir da revalorização do tradicional forró pé-de-serra, das sambadas de maracatu, das rodas de coco, das emboladas, repentes, aboios, repente, poesia popular, os benditos e as incelências, os batuques de terreiro afro, a literatura de cordel com tendências musicais mais modernas, como o rock, o *hip-hop*, o *reggae*.

Numerosas manifestações artísticas de cunho popular apresentam-se oralmente: os cantadores de repentes e os de embolada. Destacam-se ritmos tais como coco, xaxado, martelo agalopado, samba de roda, baião, xote, forró, Axé e frevo, dentre outros.

Na dança, destacam-se o maracatu, o frevo (característico de Pernambuco), o bumba-meu-boi, o xaxado, diversas variantes do forró, o tambor de crioula (característico do Maranhão), etc. As músicas folclóricas quase sempre são acompanhadas de danças.

A união de diferentes culturas transforma a música nordestina numa canção engajada e comprometida com as particularidades que acompanham as atividades dos trabalhadores durante a labuta e o cotidiano das cidades.

Baião – ritmo que utiliza a viola caipira, sanfona, triângulo, flauta doce, acordeão e rabeca.

Forró – ritmo tocado em bandas com três integrantes (o forró pé-de-serra) com sanfona, zabumba e triângulo misturando xote, baião e outras variantes.

Frevo – fusão de quadrilha, maxixe e galope tocado por uma orquestra de fanfarra com instrumentos de sopro, percussão, trombone, tuba, trompete e saxofone.

Maracatu – originário de um ritual religioso africano com tambores, alfaias, taróis, ganzás, abês e agogôs.

Xaxado – sonoridade produzida pelo atrito das sandálias de couro no chão, acompanhada de versos cantados que proferem insultos aos inimigos e enaltecem as façanhas dos heróis.

Piaxaxá – canto e dança encontrados, apenas, no município de Itapissuma, em Pernambuco, trazidos por pescadores portugueses que aqui chegaram antes de 1637. A brincadeira foi incorporada às festividades religiosas da Buscada de São Gonçalo, evento anual do calendário litúrgico registrado a partir de 1861.

Ciranda – tipo de brincadeira que envolve dança, música e canto, originária das regiões da Paraíba e de Pernambuco. O ritmo quaternário simples é feito com o compasso bem marcado por um toque grave da zabumba (ou bumbo) na cabeça do compasso, e toques abafados nos

outros tempos, acompanhado pelo tarol, o ganzá e o maracá. A coreografia é feita pelo movimento dos cirandeiros numa roda, de mãos dadas.

Hip-hop – Corrente musical baseada em rimas declamadas com velocidade sobre uma base rítmica que engloba outras manifestações artísticas protagonizadas pela população afrodescendente – o DJ, o MC, o *break dance* e o grafite.

No movimento destacam-se dois momentos estruturantes da cultura das ruas: a manifestação difundida a partir dos bailes de música negra e do *break* – expressão corporal do *hip-hop*, que perdura desde meados dos anos 1990; momentos de encontro e articulação, que sinalizam a ocupação das ruas e demais espaços públicos no centro da Cidade do Recife por parte de sujeitos periféricos.

As rodas de *break*, eventos geográficos de pulsante repercussão espacial, influenciaram sobremaneira a dinâmica de um momento inicial do *hip-hop* recifense, preponderando ao longo de toda a década de 1990.

A cena contemporânea movimentada em torno do *rap* indica que a Região do Recife, sobretudo em seus subúrbios, abriga cerca de 70 grupos, além de duas pequenas gravadoras e sete estúdios fonográficos especializados na produção da música da cultura das ruas.

Por meio da *Cena Rap*, articula-se a Região do Recife a uma série de lugares na rede urbana brasileira. Notou-se que por meio das ações de um grupo de sujeitos, grande parte deles periféricos, o *hip-hop* se tornou um elemento constitutivo da urbe.

Trata-se de práticas dirigidas mais à satisfação artística e à reivindicação dos direitos cidadãos garantidos na Constituição Federal, do que direcionadas ao ganho financeiro.

Novas bandas e cantores renovam o cenário musical pernambucano em diferentes estilos e experimentalismos. A música autoral leva sotaques e ritmos para além das fronteiras do Estado de Pernambuco.

1.3. Movimentos culturais típicos de Pernambuco

A música é um dos elementos mais marcantes na constituição da identidade de um povo. Da presença indígena, africana e europeia em solo brasileiro herdamos características que, até hoje, são identificadas em diversos gêneros musicais encontrados na região Nordeste do Brasil. Os diversos gêneros musicais surgem num contexto colonial com influências que, culturalmente incorporadas, dão origem aos gêneros tipicamente pernambucanos – maracatu, repente, coco, praieira e piaxaxá.

A colonização de territórios do continente africano por Portugal gerou um choque cultural violento, quando os europeus impuseram a sua língua e os seus costumes aos povos africanos, fazendo com que muitos saberes e conhecimentos fossem perdidos. Isso gerou muita revolta, e os africanos começaram a se rebelar contra o colonialismo, exigindo a expulsão dos europeus de seu território.

A história política e cultural desses povos é marcada pela música e dança como elementos de resistência, preservação e transmissão de suas culturas. Ligado às dimensões do saber, o corpo é portador das memórias, da história e do mo-

vimento migratório, e isso se reflete no visual de suas roupas e adereços, assim como nos movimentos da dança.

A transmissão do conhecimento através da oralidade teve um papel fundamental na preservação das raízes culturais dos povos africanos – contos, canções e poemas estabelecendo laços afetivos, e o desenvolvimento de habilidades ligadas à gestualidade e à elocução. Isenta de escrita e símbolos, a tradição oral é responsável pela transmissão de informações de geração a geração, tornando-se um veículo de perpetuação da cultura.

No município de Itapissuma, situado às margens do canal de Santa Cruz, no litoral pernambucano, uma das principais portas de entrada dos portugueses no Brasil em 1516, os moradores se comunicam através do canto e da dança do Piaxaxá, de forma singular, pois não há qualquer registro que indique essa manifestação artística em outro local. Uma publicação⁵ da pesquisadora e musicista Ruby Jean Boddy, americana radicada no Brasil, aponta os componentes da música do Piaxaxá como ritmo, melodia, tonalidade, letra e forma, assim como os passos da dança e a sua origem portuguesa, segundo antigos moradores locais.

O interesse de pessoas da comunidade em exercitar o canto e a dança do Piaxaxá como uma brincadeira de roda, na praça principal da cidade, em dias feriados e durante as festividades do calendário cultural, com o apoio da prefeitura, perpetua essa expressão da cultura local que, através da tradição oral chega até os dias atuais.

⁵ BODDY, JEAN RUBY. O canto e a dança do Piaxaxá. 2ª edição. Recife, 2022. Novoestilo Edições do Autor.

A partir da década de 40, o Recife desponta no cenário nacional com as músicas carnavalescas dos irmãos Valença⁶, Levino Ferreira⁷, Nelson Ferreira, entre outros. Em 1950, a canção “Recife, cidade lendária”, de autoria do compositor pernambucano de Surubim, Capiba⁸, é gravada em disco pela Continental. A canção documenta a história e as belezas recifenses. Outro compositor pernambucano, também cronista, jornalista e radialista, Antonio Maria⁹, compõe uma trilogia de frevos que destacam o Recife em nível nacional, falando das ruas antigas, tipos populares, troças e maracatus.

Em 1957, o maestro pernambucano Nelson Ferreira¹⁰ lança para todo o Brasil o ritmo frevo de bloco. A Evocação nº 1 torna-se o maior sucesso do carnaval carioca daquele ano. A música havia sido gravada em 1956 pelas

⁶ Dupla de compositores recifenses João (2/4/1890-7/8/1983) e Raul Valença (7/8/1894-16/07/1977) com muitas músicas, a maioria dos gêneros pernambucanos frevo-canção e maracatu.

⁷ Nasceu em Bom Jardim-PE em 2 de dezembro de 1890 e faleceu no Recife em 9 de janeiro de 1970. Era saxofonista, trompetista, compositor e um dos mais conhecidos autores de frevo de rua.

⁸ Nasceu em Surubim-PE em 28 de outubro de 1904 e faleceu no Recife em 31 de dezembro de 1997. Era músico, pianista e o compositor de frevos mais conhecido no Brasil.

⁹ Nasceu no Recife em 17 de março de 1921 e faleceu no Rio de Janeiro em 15 de outubro de 1964. Foi compositor de polcas, frevos, marchinhas de Carnaval, valsa e sambas, além de jornalista, cronista e produtor de rádio e TV.

¹⁰ Nasceu em Bonito-PE em 9 de dezembro de 1902 e faleceu no Recife em 21 de dezembro de 1976. Foi considerado o pianista mais ouvido na época do cinema mudo. Formou uma orquestra de frevos, cuja fama percorreu todo o Brasil.

vozes femininas do bloco Batutas de São José¹¹ e falava de figuras carnavalescas tradicionais, blocos famosos e carnavais saudosos do Recife.

Ainda na década de 50, Luiz Bandeira¹², compositor e cantor que vivia no Rio de Janeiro, compôs o frevo “Voltei Recife” matando as saudades da terrinha e promovendo a memória da cidade.

1.3.1. Movimento Armorial

Surge no início dos anos 70, idealizado e concretizado pelo dramaturgo e escritor Ariano Suassuna¹³, que pretendia criar uma arte brasileira erudita a partir das raízes populares de nossa cultura, integrando diversas artes – literatura de cordel, xilogravura, teatro popular, pintura, escultura e música armorial, onde é encontrada forte influência das raízes ibéricas originárias da cultura espanhola, por sua vez influenciada pelos mouros no período barroco.

O movimento teve repercussão em todo o país com a participação de intelectuais e artistas do Nordeste, e buscava a criação de uma arte erudita autenticamente brasileira, tendo como matéria prima elementos do interior nordestino.

¹¹ O mais antigo bloco misto carnavalesco em atividade, fundado em 5/6/1932 no Pátio de São Pedro, no Recife.

¹² Nasceu e faleceu no Recife (25/12/1923 – 22/2/1998). Era cantor, violonista, compositor, produtor fonográfico e radioator. É considerado o maior compositor de frevos da história.

¹³ Professor, poeta, romancista, ensaísta, dramaturgo e advogado nascido em 16 de junho de 1927 em Nossa Senhora das Neves, atual João Pessoa, capital da Paraíba. Era membro da Academia Brasileira de Letras – ABL e da Academia Pernambucana de Letras – APL. Faleceu no Recife em 23 de julho de 2014.

A música foi o elemento do movimento Armorial que ganhou mais destaque no cenário nacional, colocando em evidência as mais variadas manifestações populares da região Nordeste.

Nos grupos musicais da atualidade – Sagrama, Antúlio Madureira, Antônio Nóbrega, Quarteto Encore, entre outros, é nítida a influência de elementos do Movimento Armorial, que colocaram o Nordeste num espaço geográfico, histórico e mítico como elemento fundamental da criação popular.

Existem no movimento Armorial duas linhas de ação: a recriação da arte erudita a partir do romanceiro popular nordestino e a sua aproximação da heráldica, da cultura dos emblemas, dos estandartes e das alegorias.

Temos como referências instrumentais do movimento o Quinteto Armorial e a Orquestra Armorial de Câmara com os instrumentos: violão, violino, viola caipira, flauta, pífano e o marimbau na percussão. Os músicos Antônio Nóbrega, Antônio Madureira e César Guerra Peixe foram os responsáveis pela reintegração dos instrumentos populares, sem espaço nas orquestras tradicionais, através da música barroca e renascentista, para as peças produzidas com base na música folclórica.

1.3.2. Movimento Mangubeat

Liderado pelo cantor e compositor olindense, Chico Science¹⁴ (1966-1997), o movimento surge em 1990, em Pernambuco, como movimento de contracultura, incorporando influências estrangeiras, como o hip-hop e a música

¹⁴ Francisco de Assis França

eletrônica, a elementos genuinamente brasileiros. As canções e a percussão trazem o ecossistema do mangue como metáfora para os problemas sociais da cidade do Recife.

O pontapé inicial do movimento foi o texto do manifesto escrito em 1992 por Fred Zero, chamado Caranguejos com cérebro, que virou marco do movimento Manguebeat. O documento aborda o crescimento desordenado do Recife, e coloca o movimento conceitual como um dos mais importantes da música brasileira. Após 30 anos do manifesto, as músicas continuam a fazer eco nos quatro cantos de Pernambuco.

Formado por jovens que usavam a música como forma de inclusão social, o movimento criticava o abandono socioeconômico da região do mangue e o descaso com os estados fora do eixo Rio-São Paulo.

O termo surge como fusão de duas outras palavras – mangue e bit (unidade de memória de computadores). A diversidade da cena musical do movimento é uma alusão à riqueza da biodiversidade do mangue, que mistura ritmos regionais – maracatu, frevo, ciranda e caboclinho ao *pop*, *hap*, *hip-hop* e música eletrônica.

Diversos grupos se destacaram: Mundo Livre S/A, Chico Science & Nação Zumbi, Sheik Tosado, Mestre Ambrósio, Faces do Subúrbio, Eddie, Via Sat, Jorge Cabeleira e a queridíssima Querosene Jacaré, banda da qual Helio Loyo fez parte como compositor e guitarrista.

O movimento se beneficiou de ferramentas tecnológicas recém-surgidas, o que proporcionou a gravação das músicas em *home studios* e do surgimento da internet, sua principal fonte de divulgação.

Formado por jovens originários de bairros pobres do Recife e Olinda, o grupo musical Nação Zumbi recebe destaque da imprensa local, nacional e internacional.

1.4. Patrimônio imaterial da humanidade

Várias expressões artísticas surgiram no Nordeste do Brasil ao longo dos anos, e se tornaram patrimônios imateriais: frevo, capoeira, Maracatu Nação, Maracatu Baque Solto, Caboclinho, Cavalinho, Mamulengo, Feira de Caruaru e Literatura de Cordel. Entre elas, a que mais traz a marca inconfundível da pernambucanidade é o frevo – sua música baseia-se na fusão de gêneros como marcha, maxixe, dobrado e polca, e sua dança foi influenciada pela capoeira. Foi declarado Patrimônio Imaterial da Humanidade pela UNESCO no ano de 2012, sob a designação "Frevo: Arte do Espetáculo do Carnaval do Recife".

A palavra frevo¹⁵ vem de *ferver*, por sua corruptela, *frever*, que passou a designar: efervescência, agitação, confusão, rebuliço; apertão nas reuniões de grande massa popular no seu vaivém em direções opostas.

Surgido em Pernambuco no fim do século 19, o frevo caracteriza-se pelo ritmo extremamente acelerado. Muito executado durante o Carnaval, eram comuns conflitos entre blocos de frevo, em que capoeiristas saíam à frente dos seus blocos para intimidar blocos rivais e proteger seu grupo.

Da junção da capoeira com o ritmo do frevo nasceu o passo. A dança do frevo foi utilizada inicialmente como arma de defesa dos passistas, que remete diretamente à luta, resistência e camuflagem, herdada da influência afri-

¹⁵ Vocabulário pernambucano de Pereira da Costa

cana, da capoeira e dos capoeiristas, que faziam uso de porretes ou cabos de velhos guarda-chuvas como arma contra grupos rivais. Foi da necessidade de imposição e do nacionalismo exacerbado no período das revoluções pernambucanas que foi dada a representação da vontade de independência e da luta na dança do frevo.

A dança do frevo pode ser de duas formas: quando a multidão dança, ou quando passistas realizam os passos mais difíceis, de forma acrobática durante o percurso. O frevo possui mais de 120 passos catalogados.

Segundo Leonardo Saldanha¹⁶, o frevo nasceu com influências de outros gêneros, como a polca-marcha, dobrado e ária popular. Durante o início do seu desenvolvimento também sofreu influências do maxixe. Através de rótulos da indústria fonográfica ficou conhecido no resto do país como marcha-nortista e marcha-pernambucana. Apenas na era de ouro do rádio passou a ter a designação de seus subgêneros, onde sua vertente cantada passou a ser denominada de frevo-canção.

Segundo o *Guinness Book*, o Carnaval do Recife e de Olinda é a maior festa popular do planeta, internacionalmente conhecido pelos desfiles de artistas famosos nos trios elétricos. É também o Carnaval mais culturalmente diverso do país — conhecido pelo ritmo do frevo e do maracatu, e pelos seus característicos Bonecos de Olinda. É tido também como o mais democrático, já que os foliões não precisam pagar para brincar, além de possuir o maior bloco carnavalesco do mundo: o Galo da Madrugada.

¹⁶ SALDANHA, Leonardo Vilaça. *Frevendo no Recife – A Música Popular Urbana do Recife e sua Consolidação Através do Rádio*. Campinas, 2008. 297p. Tese (Doutorado em Música). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

II – Cadeia produtiva da música e o seu impacto sociopolítico e cultural

Cadeia produtiva é o conceito utilizado para caracterizar um conjunto de atividades econômicas articuladas entre si, em etapas sucessivas, nas quais determinados insumos vão sendo transformados em produtos agregadores de valor até chegar ao consumidor final.

As opções de carreira dos envolvidos na cadeia produtiva da música são inúmeras até se chegar ao produto a ser comercializado – suporte físico de conteúdo musical, eventos, shows ou mecanismos de copyright com direitos autorais.

Um músico tem várias opções de carreira: área acadêmica (bacharelado ou licenciatura) com aprofundamento dos estudos através de um programa de pós-graduação; ingresso no serviço público, através de concurso, para compor os quadros de uma banda ou orquestra; trabalho numa emissora de rádio, televisão, estúdio de produção de áudio para publicidade ou trilha sonora para games; aulas particulares ou em conservatório ou escola de música; abertura de uma produtora musical própria; apresentação em bares, restaurantes, festas particulares e shows.

Nos primeiros anos da colonização portuguesa no Brasil não existia música popular, porque aqui não havia povo. Durante esses dois primeiros séculos iniciais, o que havia em termos de música eram os cantos das danças rituais dos indígenas, acompanhados por instrumentos de sopro; os batuques africanos e, finalmente, as canções dos europeus colonizadores. Essas mais próximas do que se

poderia chamar de música popular, eram representadas pelos gêneros que remontavam em muitos casos ao tempo da formação dos primeiros burgos medievais, dos séculos XII ao XIV, e que eram conhecidas por romances, xácaras, cópias e serranilhas.

À semelhança da música erudita, a nossa música popular foi se formando com base em subsídios importados, transplantados do além-mar e aqui assimilados.

O povo da colônia era formado de portugueses, espanhóis, africanos e ameríndios. E isso constituía a base técnica tradicional do nosso canto popular.

Toda a nossa música popular está impregnada dessas influências básicas, formadoras da nacionalidade brasileira.

Um exemplo da influência ameríndia na nossa música popular está contido nos caboclinhos, bailados característicos, sem fraseado, que se apresentam por ocasião das festas carnavalescas.

Os primeiros duzentos anos de descoberta do Brasil não significaram muito para a música pernambucana, de um modo geral.

A idade de ouro de Pernambuco, no que se refere à música, está situada ao redor do século XVIII.

Um instrumento musical, o piano, foi notavelmente difundido em vista de sua grande capacidade de acompanhamento e de solo, também em Pernambuco. No Recife teve os seus dias de glória.

É inegável que o piano trouxe valiosas contribuições para a nossa música. Como o piano se adequa a todos os

ritmos, facilmente invadiu tanto as casas luxuosas como as mais modestas.

No Recife de antigamente eram frequentes, nos salões residenciais, reuniões musicais, nas quais os pianos a quatro mãos, os solos de flauta ou de violino, as árias e os duetos atestavam a cultura musical das famílias pernambucanas.

Dentro desse contexto musical surgiram, nos fins do século 19 e primeiras décadas do século 20, compositores eruditos e populares, que se encarregaram de modificar o panorama musical de Pernambuco.

Grande número de músicos pernambucanos, compositores ou não, notadamente aqueles músicos de instrumentos de sopro, se originaram das bandas de música do interior do Estado.

Pernambuco, ao longo de sua história musical, vem contribuindo para a construção, preservação e difusão da memória cultural do nosso país.

O Estado destaca-se, dentre as outras regiões, pela mistura de sons, estilos, imagens e ritmos que enriquecem sua música, estimulando o aparecimento de novos compositores, novas orquestras e grupos diversos que, além de se incorporarem ao acervo musical e cultural da região, conseguem romper fronteiras e divulgar a música pernambucana em suas performances.

III – Análise e interpretação de letras

3.1. A arte engajada

A música nordestina foi, desde a sua origem, engajada e comprometida com o mundo real, seja através das toadas de lamento dos escravos saudosos de sua terra natal ou dos aboios dos vaqueiros que transmitiam o seu cotidiano de luta em um ambiente inóspito e rústico, através da cantoria.

A combinação de instrumentos tradicionais nordestinos (rabeca, viola, tambor, berimbau, pandeiro, zabumba) com os sons da guitarra, do baixo e da bateria, resulta numa música telúrica com a presença de temáticas que cantam a alma do povo nordestino (seca, migração, banditismo social e coronelismo), onde são identificados o fortalecimento da herança musical e o despertar do desejo de preservação da identidade cultural.

As letras falam do cotidiano nordestino numa perspectiva de crítica social: a condição da miséria, a desigualdade, corrupção, migração e a violência urbana, e tratam da sabedoria popular e dos valores fundamentais do povo nordestino: força, destemor, honra e coragem. Além da fé e do misticismo, faz promessas e incita esperança.

No presente, o enfrentamento de preconceitos, discriminações e conflitos sociais encontra na arte uma forte aliada com seus diferentes elementos culturais – ritmo, poesia, movimento, cores e muita consciência, para formar a cultura *hip-hop*, consolidada como contranarrativa hegemônica e de construção de identidade. A proposta é a

transformação da sociedade por meio da arte, do movimento e do conhecimento.

Essa corrente musical surgiu no Bronx, distrito da cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos, no início da década de 70, e se difundiu pelo mundo, sobretudo nas regiões periféricas das grandes cidades, onde os jovens de camadas sociais menos favorecidas encontraram uma forma de lidar pacificamente com a violência e os conflitos sociais, através de competições de diferentes modalidades artísticas. Seus integrantes criaram vocabulário, vestimentas e movimentos corporais próprios do estilo inspirado também em outras culturas.

Uma das manifestações artísticas que integram o movimento – o grafite, já existia antes do *hip-hop*, incorporando-se ao movimento como mais um elemento de expressão artística no espaço urbano.

No Brasil, o *hip-hop* torna-se mais um elemento de resistência que, há séculos, vem se desenvolvendo pela população afrodescendente, marcado pela perseguição policial, desacreditado e ridicularizado, assim como foram, no passado, o samba e a capoeira.

A grande contribuição dada por estes movimentos está na possibilidade de difundir os valores, as temáticas, os sons e as manifestações tradicionais do Nordeste entre os jovens. O novo é incorporado, renovando a tradição, tornando-a viva, mostrando que é possível o passado coexistir com o tempo presente e voltar-se para o futuro, permitindo a juventude se reconhecer como parte e resultado desse fazer cultural, despertando-lhes a consciência de pertença, de identidade, de apego ao lugar, um processo de auto-(re)conhecimento e de (re)afirmação da identidade cultural.

Que a nossa música possa funcionar como meio de fortalecer e despertar o desejo por reabilitar e manter a identidade cultural do povo nordestino.

3.2. A experiência pedagógica da música em sala de aula

Qualquer experiência musical, independentemente do estilo e dos instrumentos utilizados, promove maior habilidade de observação, localização, compreensão, descrição e representação em quem toca e quem ouve.

As atividades de leitura que mais despertam interesse por parte dos alunos são as que envolvem música. A utilização de letras como atividade de leitura apresenta certas vantagens, entre elas, a possibilidade de lidar com um universo textual conhecido, promovendo uma aprendizagem mais significativa; a oportunidade de trazer discussões de diferentes contextos socioculturais e de temas transversais.

No que se refere à criação musical, o uso de diversos instrumentos em sala de aula pode evidenciar habilidades desconhecidas, aumentar a interação com objetos e o “saber-fazer”, entre outras capacidades tão importantes nessa fase de desenvolvimento pedagógico.

Para o aluno, essas habilidades serão aplicadas não apenas no desenvolvimento das próprias aptidões musicais no futuro, como também no aprendizado de outras disciplinas sem, contudo, substituir o texto tradicional pelas letras de música, mas sim complementá-lo.

O estudante com ouvido treinado para a observação das letras poderá ser também um bom leitor e intérprete de textos.

A música traz importantes aprendizados e revela um contexto social e temporal em que ela se insere: movimentos sociais, cultura regional, folclore, biografia de seus compositores e intérpretes etc.

Independentemente das áreas acadêmica e profissional pelas quais os estudantes venham a se interessar, é sempre importante que a inovação e a imaginação façam parte do raciocínio e da prática cotidiana.

IV – A nova cena musical em Pernambuco

As cadeias produtivas culturais correspondem a 7% do PIB (Produto Interno Bruto) mundial, segundo dados de 2008. No Brasil, este percentual passa a ser de 2,64%, apesar do crescimento acumulado de 70% nos últimos 10 anos – quase o dobro dos 36,4% do PIB brasileiro.

As empresas associadas ao setor cultural tiveram R\$ 374,8 bilhões de receita líquida em 2010, correspondendo a 8,3% do total da indústria, comércio e serviços. 51,8% dos gastos públicos vêm dos Municípios; 26,8% dos Estados e 21,4% Governo Federal.

O surgimento da música autoral revela uma nova safra de artistas – compositores e cantores – de suas próprias canções, que vêm se tornando um dos principais movimentos culturais da contemporaneidade.

A Cena Brega e os Ritmos da Periferia são um movimento forte e pulsante que vem mexendo com a cadeia produtiva da música de Pernambuco. Em 2017, através da aprovação da lei 16.044/2017, o Brega passou a ser oficialmente uma expressão cultural de Pernambuco. Reforçando a voz da periferia, surgem os MCs, com destaque na cena local e participando de grandes festivais como o Coquetel Molotov e o Rec Beat. Juntos, esses dois movimentos, apontam para as transformações no processo de produção e consumo da música, além das políticas públicas recentes.

A 29ª edição do FIG (Festival de Inverno de Garanhuns) destinou, em sua programação, uma noite exclusiva para o Brega pernambucano.

4.1. Projetos

A nova forma de pensar a produção musical traz uma mudança de pensamento na gestão da carreira dos artistas locais, que antes priorizava o individualismo e até o chamado “efeito caranguejo” – um passando por cima do outro. Os artistas perceberam que o senso de coletividade é a forma mais inteligente no enfrentamento das dificuldades. Com a concorrência acirrada do Funcultura, e a demanda pouco expressiva de shows, eles participam um do projeto e do show do outro.

A “**Dita Curva**” é o espetáculo protagonizado por 10 artistas mulheres que misturam música, poesia, performance e dança para refletir sobre o feminino, e “**Reverbo**” é o projeto que reúne 30 cantores e cantoras autorais de todo o Estado.

4.2. Eventos

Temos quatro ciclos culturais em Pernambuco – Carnaval, Paixões, São João e Natal, dentro dos quais acontecem vários festivais: Festival de Triunfo, Festcine, Fenear-te, Circuito Cultural de Pernambuco e o Festival Viva Gonzagão, além de outros:

ABRIL PRO ROCK – evento realizado pela Produtora Astronave Iniciativas Culturais, que dá espaço para as mais diversas tendências do rock no Baile Perfumado.

REC-BEAT – um dos principais festivais independentes de música do Brasil, que acontece há 25 anos durante o Carnaval do Recife.

FIG (FESTIVAL DE INVERNO DE GARANHUNS) – considerado um dos maiores festivais do Brasil. É multicultural com ações em todas as linguagens artísticas, porém com maior investimento na música.

PLATAFORMA FIG – Uma grande conferência sobre o mercado da música, que ocorre dentro da programação do FIG. O principal objetivo é aproveitar e potencializar os diversos agentes da cadeia produtiva da música (produtores, artistas, técnicos, curadores) e estimular a discussão, oferecendo oportunidade aos artistas que vão além dos palcos.

PORTO MUSICAL – há 16 anos discute o mercado da música com debates, palestras, conferências e seminários dirigidos a um público interessado em fazer contatos e negócios no setor da música, além de trocar conhecimentos.

PRÉ-AMP – em sua 17ª edição, o evento traz debates, oficinas, workshops e apresentações musicais de artistas de diversas regiões do Estado, entre elas os veteranos da Nação Zumbi e Banda Eddie.

4.3. Editais FUNCULTURA

Os editais de música promovem a integração entre cultura, educação e cidadania. A difusão da cultura mostra-se como um conteúdo substancial da Educação para ampliar a visão de mundo de estudantes e educadores.

Mais de quatro milhões de reais são investidos em projetos de música, por ano, o que garante o desenvolvimento da cadeia produtiva da música em suas diversas áreas – festivais, circulação (internacional, nacional, regional e estadual), gravação, produtos e conteúdos, produtos e conteúdos,

economia da cultura, difusão da rede, manutenção de escolas, bandas e corais, formação, capacitação e pesquisa.

Nos últimos anos, o edital lançado para participação dos artistas e grupos vem se tornando um instrumento de política pública que prioriza a tradição através das categorias, percentuais e quantidade de contratações.

4.4. Principais nomes da nova cena musical pernambucana

4.4.1. Amaro Freitas

<https://www.amarofreitas.com/bio.php>

“Quando ele sentou ao piano, o tempo parou. Ele tocou e tocou, e cada nota crescia e gerava novas possibilidades, histórias dentro de histórias. A amplitude de execução e o dinamismo emotivo me preencheram de luz.” Christian Scott Atunde Adjuah.

De uma periferia do Recife a promessa de ícone internacional do jazz, Amaro Freitas trabalhou incansavelmente para se tornar o artista que é hoje.

Ganhando projeção internacional por “uma abordagem do teclado tão única, que é surpreendente” (downbeat), seus álbuns de estreia: Sangue Negro (2016) e Rasif (2018), chegaram em uma onda de aclamação instantânea.

O seu novo álbum “Sankofa” – uma busca espiritual por histórias esquecidas, filosofias antigas e figuras inspiradoras do Brasil Negro – é o seu trabalho mais impressionante e sincero até hoje.

4.4.2. Cláudio Rabeca

Ao longo 20 anos de carreira artística, cantou e tocou percussão no Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife por 11 anos; é rabequeiro do Cavalo Marinho Estrela de Ouro de Mestre Biu Alexandre de Condado-PE desde 2004; e foi cantor, compositor e rabequeiro do grupo de forró Quarteto Olinda por 11 anos. Foi produtor e Rabequeiro do CD duplo Rabequeiros de Pernambuco. Em sua carreira solo passou a se dedicar integralmente à rabeça e é a partir desse instrumento, do qual também é luthier, que desenvolve o seu processo criativo e baseia seu canto. Lançou em 2009 o seu primeiro álbum solo, Luz do Baião e em 2019 lançou o segundo, Rabeca Brasileira. Já excursionou pela Europa e Estados Unidos e foi um dos compositores da trilha do espetáculo Raízes, da companhia de dança contemporânea belga Untamed, com a qual se apresentou como músico na Bélgica, México e Holanda.

Transita muito bem entre a música Instrumental, música cantada e pelos gêneros musicais brasileiros como o forró, o frevo e o samba, dentro da música contemporânea.

4.4.3. Ednardo Dali

De São José do Egito – PE. É músico/compositor. Lançou seu primeiro LP BREJEIROS em Junho de 2021, que circunaveiou em pré-lançamento no Conservatório Pernambucano de Música - Semana da Música do Conservatório - PE, 2017; Festa de Louro - São José do Egito 2018; Mostra SerTão Musical em Triunfo no Teatro Cinema Guaranny 2018/2021; V Encontro de Cantadores – Salvador 2018; Mostra Leão do Norte 2018/2020; Festival PRE AMP - Recife 2019 e 2020;

Porto Musical - Recife 2020. Traz na sua bagagem a poesia como trunfo, atrelada às músicas que apresenta, autorais ou releituras. Neto do poeta Manoel Filó, grande inspiração para sua constante luta em fazer o que ama. Começou seus primeiros acordes aos 10 anos e aos 12 já se apresentava em festas do Pajeú. Aos 17 ingressou no Conservatório Pernambucano de Música, onde se formou em Violão Popular (2018.2), escola essa de muita importância para sua formação musical. Atua como colaborador no Instituto Arte Mambembe, projeto que leva arte de um modo geral para comunidades carentes da sua cidade. Como estudante de Agroecologia na Escola SERTA busca em sua arte o contato e o cuidado com a natureza, a espiritualidade, as questões sociais, dentre outros temas. Acompanhou como músico o trabalho de diversos artistas: Josildo Sá, Paulo Matricó, Bia Marinho, Sarah Lopes, Anchieta Dali, entre outros.

4.4.4. Laila Campelo

Iniciou seus estudos musicais no Conservatório Pernambucano de Música (CPM) em 2004, onde teve aulas de violino com diversos professores até 2011.

Neste tempo como violinista, participou dos importantes festivais que aconteceram no Recife: 9º Encontro de Música Antiga com o professor Xavier Julien-Laferriere (França), 8º MIMO com o professor Tim Fain (EUA) e 14º Virtuosi com o professor Benjamin Sung (EUA). Ingressou na Orquestra Sinfônica Jovem do CPM em 2009 e ocupou por três anos o naipe dos segundos violinos.

Em 2012 optou pelo instrumento viola sob a orientação do Professor Carlos Santos e foi aprovada como violista na

Orquestra Sinfônica Jovem do CPM. Ainda nesse ano participou do 10º Encontro de Música Antiga com o professor Xavier Julien-Laferriere (França) e do Virtuosi Gravatá-2012 com o professor Rafael Altino (Brasil/Dinamarca).

No início de 2013 foi aprovada como chefe de naipe na mesma orquestra. Em junho de 2013 participou, durante 3 dias, do *Master-Class* promovido pela UFPE, ministrado pela professora violista Michelle LaCourse, chefe do departamento de cordas da Boston University (USA).

Em janeiro de 2013 e 2014 participou do 8º e 9º Festival de Música de Santa Catarina (FEMUSC) no nível Avançado, obtendo aulas e *Master-Classes* com os professores Emerson di Biaggi (UNICAMP/SP), Richard Young (EUA), Peter Slowik (EUA), Craig Mumm (EUA) e Tasso Adamapoulos (França/Suíça). Participou ainda neste festival de grupos de câmaras, quartetos de cordas e orquestras sinfônicas.

Em julho de 2013 e 2014 participou do Festival Virtuosi Gravatá (Pernambuco-Brasil) tendo aulas com Marcelo Jaffé (USP/SP), Paul Cortese (Espanha) e novamente Rafael Altino (Brasil/Dinamarca).

Em 2014 fez turnê pelas principais capitais brasileiras como integrante do Quarteto Encore, juntamente com a cantora Elba Ramalho e o grupo SaGRAMA dentro do projeto “Cordas, Gonzaga e Afins”, que ganhou o Prêmio da Música Brasileira em 2015.

Durante todo mês de outubro de 2014 obteve aulas regulares em Zurique (Suíça) com o professor Michel Rouilly, viola principal da *Tonhalle Orchester Zürich*.

Em abril de 2015 foi aprovada em duas universidades de música na Suíça para fazer o Bacharelado em Viola:

“Zürcher Hochschule der Künste” e “Haute École de Musique de Genève”.

Em Agosto de 2015 tocou como solista da Orquestra Sinfônica Municipal de João Pessoa o Concerto para Viola em Dó menor – J.C. Bach sob a regência do maestro Laércio Diniz.

De setembro de 2015 a julho de 2018 cursou o Bacharelado em Viola na Universidade de Artes de Zurique (*Zürcher Hochschule der Künste - ZHdK*) na classe de viola do professor Michel Rouilly. Durante os três anos de curso, além de atender às aulas de harmonia/análise/composição, percepção musical, história da música, música de câmara, piano, improvisação, coro, etc., atendeu também às aulas de regência orquestral sob a orientação do maestro e professor Marc Kissóczy. Participou também de disciplinas como consciência corporal, técnica de Alexander, estratégia do estudo, prática de palco (assistida por professores músico-psicólogos). Além das aulas semanais de viola com o professor principal, também atendeu disciplinas eletivas de viola como viola barroca e trechos de orquestra, sob a orientação das professoras Ulrike Kaufmann e Katja Fuchs, respectivamente.

Nesse período na Europa participou de vários projetos, os quais de mais relevância são:

- *German-Scandinavian Youth Philharmonic*, festival que ocorreu em dezembro de 2015 em Berlim, cujo concerto final foi realizado na sala da *Berliner Philharmonic*;
- Turnês para França, Hungria e Finlândia como violista assistente da orquestra jovem *Il Mosaico Jungend Orchester*, sob a regência do maestro Hermann Ostendarp;

- Turnê para China (Pequim, Xangai e Nanjing) com a orquestra *Pre College Zurich Orchester*.
- Turnê para Itália com a orquestra de cordas *ZHDK Strings* sob liderança do prof. violinista Rudolf Koelman;
- Concertos no *Tonhalle Maag* em Zurique com a *Orchester der ZHDK*, sob a regência dos maestros Ralf Weikert e Stefan Asbury;
- Master Classes com os violistas William Coleman e Brett Dean;
- Projeto experimental *Konzert über Internet* sob direção renomado flautista Matthias Ziegler;
- Concerto em Zurique como violista principal da orquestra *Youth Classics* sob a regência do violinista Philipp Draganov;

Durante período de recesso no Brasil gravou com o Quarteto Encore o CD Mosaicos, através do incentivo do FUNCULTURA, que teve o seu lançamento em Recife em fevereiro de 2017 e foi ganhador do Prêmio da Música de Pernambuco em 2018.

Em junho de 2018 apresentou na Universidade de Artes de Zurique, como conclusão do curso de bacharelado, o projeto BRASILIANA, idealizado pela própria, que consiste em uma performance de repertório erudito brasileiro com exposição de fotografias.

De volta ao Recife, dividiu o palco com grandes artistas da música popular como Hamilton de Holanda, Grupo SaGrama, Monica Salmaso, Nelson Ayres, Francis e Olívia Hime, entre outros. Paralelamente, investe em um trabalho

independente onde mescla a sonoridade erudita do seu instrumento com elementos da cultura popular nordestina.

Vem se especializando na área de educação musical, em abril de 2019 participou do curso de Filosofia Suzuki ministrado pela professora Shinobu Saito em Recife. Em março de 2020 participou do curso Volume 1 também na metodologia Suzuki para Violino e Viola, ministrado também pela professora Shinobu Saito, em Fortaleza, sendo assim, professora credenciada na Associação Suzuki das Américas. Participou também da III Semana de Ensino Coletivo de Violino ministrada pelo professor José Márcio Galvão. Atualmente desenvolve o trabalho pedagógico como professora de viola no Instituto de Música Dom da Paz e na Orquestra Criança Cidadã, onde executa também projetos em grupo utilizando o material desenvolvido por ela para grupos de câmara chamado “Violas em Grupo”.

Na cena erudita também se destaca como solista. Em maio de 2019 solou a Fantasia de J. N. Hummel para Viola junto à Orquestra de Câmara de Pernambuco no Teatro de Santa Isabel, sob a regência do maestro José Renato Accioly. É também violista do naipe de violas da mesma orquestra.

É integrante também do Quarteto Encore, grupo de formação clássica que leva ao público repertórios que variam do barroco europeu ao popular regional. Investe em um trabalho independente onde mescla a sonoridade erudita do seu instrumento com elementos da cultura popular nordestina.

Vem se especializando na área de educação musical, em abril de 2019 participou do curso de Filosofia Suzuki ministrado pela professora Shinobu Saito em Recife. Em março de 2020 participou do curso Volume 1 também na

metodologia Suzuki para Violino e Viola, ministrado também pela professora Shinobu Saito, em Fortaleza, sendo assim, professora credenciada na Associação Suzuki das Américas. Participou também da III Semana de Ensino Coletivo de Violino ministrada pelo professor José Márcio Galvão. Atualmente desenvolve o trabalho pedagógico como professora de viola no Instituto de Música Dom da Paz e na Orquestra Criança Cidadã, onde executa também projetos em grupo utilizando o material desenvolvido por ela para grupos de câmara chamado “Violas em Grupo”.

Na cena erudita também se destaca como solista. Em maio de 2019 solou a Fantasia de J. N. Hummel para Viola junto à Orquestra de Câmara de Pernambuco no Teatro de Santa Isabel, sob a regência do maestro José Renato Accioly. É também violista do naipe de violas da mesma orquestra.

É integrante também do Quarteto Encore, grupo de formação clássica que leva ao público repertórios que variam do barroco europeu ao popular regional.

4.4.5. Laís de Assis

Violeira, violonista, arranjadora, pesquisadora e arte-educadora. Já participou de importantes eventos musicais com seu trabalho solo, como o projeto Memória brasileira – violeiros do Brasil, o festival Rec-beat SP e a Mostra canavial de música instrumental.

A violeira esteve entre os oito instrumentistas indicados ao prêmio Mimo de música instrumental e foi finalista do prêmio Profissionais da música 2020, na categoria violas e violeiros.

Atualmente, Laís está finalizando seu primeiro disco. Formada pelo Conservatório Pernambucano de Música em viola de dez cordas e violão popular, a musicista vem, desde 2016, apresentando seu trabalho autoral com a viola, experimentando diversos ponteados, sonoridades e texturas, mantendo sempre o sotaque nordestino impresso no instrumento.

4.4.6. Pablo Romeu

Nasceu em 1990 em Recife, uma das cidades mais multiculturais do Brasil. Ele cresceu cercado por grandes músicos, incluindo seus pais. Aos 9 anos ganhou seu primeiro violão e iniciou seus estudos musicais, porém sem professor. Em seu primeiro show ao vivo, tocou violão com o avô em um concurso anual de música no Recife.

Ainda adolescente, Pablo descobriu a banda de heavy metal Iron Maiden e se apaixonou pelo som da guitarra elétrica. Aos 14 anos, comprou uma guitarra elétrica e começou a aprender tudo o que podia.

Mais tarde, Pablo fez faculdade e estudou música na Universidade Federal de Pernambuco, passando então a trabalhar em estúdios e palcos. Desde o início de sua carreira, Pablo se esforçou para trabalhar em seu próprio material e, através da internet, conseguiu compartilhá-lo com o mundo.

Pablo vem contribuindo com grandes atuações em competições online, tendo assim a incrível oportunidade de representar seu país em Bangkok (Tailândia), onde foi um dos vencedores do "Yamaha and Laney Competition" em 2013. Em 2014 também foi um dos os finalistas do "Six String Theory Music Competition", patrocinado pelo lendário guitarrista Lee Ritenour. Em 2015 foi um dos 10 finalistas do

incrível concurso organizado pelo JamTrackCentral. Em 2016 Pablo foi um dos finalistas mais uma vez no "Six String Thory Music Competition". Foi o vencedor do Ziuá Chitarelor 4 na Romênia, sendo julgado por grandes guitarristas como Frank Gambale, Ron Thal "Bumblefoot", Tosin Abasi, Daniele Gortardo, Prashant Aswani e Joel Hoekstra. Pablo gosta de fazer música pesada, porém, sempre com várias referências à música brasileira. Esta mistura representa sua personalidade e foi recebida com grande aclamação.

Em 2014, Pablo lançou seu primeiro álbum instrumental chamado "Intense Dream", que é uma coleção de dez canções escritas em diferentes momentos de sua vida. Dentro do álbum é possível perceber as diversas influências de Pablo ao longo de distintos momentos de seu desenvolvimento musical.

Em 2017 Pablo gravou 5 músicas ao vivo na ilha de Itamaracá. Todos os vídeos podem ser assistidos no Youtube e as faixas estão disponíveis em todas as plataformas de *streaming*.

Em 2020 Pablo, juntamente com 5 amigos, formaram a banda de power metal "Capella" (Age of Capella) em Portugal. Eles lançaram seu primeiro EP, em 2021, chamado "Outside World".

4.4.7. Thiago Emanuel MARTINS¹⁷

Trinta anos após a erupção nacional do movimento musical Mangubeat, a cidade do Recife (PE) vive momento de efervescência sonora que, se não dá para apontar outro movimento, ao menos sinaliza movimentação na cena musical pernambucana.

¹⁷ <https://oxerecife.com.br/musica-martins-brilha-no-rio-sob-o-sol/>

O cantor e compositor Martins faz parte dessa cena e de uma geração jovem que luta para despontar no Brasil.

Integrante do grupo de Rock Marsa e da banda forró na caixa, Martins deu um passo decisivo nessa rota com o lançamento do primeiro álbum solo do artista.

Intitulado *Martins*, o disco saiu pela gravadora Deck em edição digital e no formato de CD.

Produzido por Juliano Holanda, o álbum solo de Martins contabiliza 11 músicas no repertório inteiramente autoral.

Esse inédito repertório inclui parcerias de Martins com Ju Valença, Paulo Neto e PC Silva, além de Juliano Holanda, compositor que vem ascendendo nos últimos anos.

O recifense Thiago Emanuel Martins do Nascimento, 29 anos, começou sua trajetória artística ligado à literatura, mais especificamente ao universo da poesia popular, da viola e dos repentistas do coco.

Por isso, sua carreira musical começou com a presença da rabeca, instrumento que tocou na banda Sagarana.

O disco resgata justamente esse histórico literário, apostando em espécies de crônicas sobre vivências, amores e desamores.

"É um disco em que falo de coisas que observo. São músicas que eu não conseguiria fazer se não fosse no álbum solo", diz o artista.

Disponível nas plataformas digitais, Martins foi gravado no Recife e na Europa, durante uma turnê do artista pela região com a banda Forró na Caixa.

O projeto tem incentivo do Funcultura. Juliano Holanda, que é um dos alicerces da emergente cena autoral do Recife, também assina a direção musical e é parceiro nas faixas um só ser, olhos que afagam e vértebra por vértebra - essa última gravada na França com arranjos da flautista argelina Amina Mezaache.

Em 2020, ele foi um dos indicados do prêmio Sum 2020, na categoria *novos talentos*. Como outros jovens artistas – como Almério e Juliano Holanda – Martins está incluído entre os destaques da nova geração de músicos em

ENTREVISTADOS ENTRE 23/8 e 22/11/22 por Alessandra Cecília Loyo Cavalcanti

4.4.8. Aglaia Costa – violinista rabequeira

Considerada a melhor rabequeira contemporânea de Pernambuco, uma grande incentivadora da cultura popular nordestina. Recentemente fez um concerto com a Orquestra da Paraíba a OSUFPB. Violinista da Orquestra Sinfônica do Recife desde 1988. Participou como rabequeira das aulas-espetáculo do escritor Ariano Suassuna, viajando pelo Brasil. Foi integrante do Quarteto Romançal de Antônio Madureira, com a música Armorial. Com o grupo gravou dois CDs.

As experiências lhe trouxeram bons frutos e voou mais alto. Partiu para carreira solo. E para iniciar essa nova fase profissional montou um “Concerto para Rabeca”, com músicas instrumentais de sua própria autoria. Apresentou a

suíte “Caminho da Roça” com a Orquestra Sinfônica do Recife, no teatro da Universidade Federal de Pernambuco.

Em outubro de 2010, Aglaia Costa realizou o lançamento do CD “Concerto para Rabeca”, no Teatro de Santa Isabel, no Recife.

Em 2011, foi agraciada pela Lei de Incentivo à Cultura, Funcultura - Fundarpe, com a aprovação do Projeto “Concerto para Rabeca – Circulação”.

Também pela Lei de Incentivo à Cultura, do Governo de Pernambuco, apresentou o Concerto-aula “A Peleja da Rabeca” em 12 escolas públicas da região metropolitana do Recife. Este mesmo concerto-aula foi agraciado, por duas vezes (2010 e 2013), com o “PRÊMIO FUNARTE DE CONCERTOS DIDÁTICOS” e voltou a ser apresentado nas escolas públicas.

Aglaia Costa também ministrou oficinas de Rabeca/Cultura Popular a convite do SESC Casa Amarela e Arco Verde, Fundação Cecosne, Faculdade Fafire, UFPB no curso de Etnomusicologia.

4.4.9. Amílcar Almeida Bezerra – pesquisador nas áreas de comunicação, música e cultura

Professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Nasceu numa família ligada ao Bloco da Saudade, uma das principais agremiações carnavalescas do estado, e convive desde criança com a tradição do frevo. É co-autor do livro “Evoluções: histórias de bloco e de saudade” (2006), que conta a história do Bloco da Saudade e do frevo-de-bloco. É crooner da banda de frevo elétrica do “Que-

ro Ver Quem Vai”, agremiação que existe desde 2015 com a proposta de executar frevos consagrados por intérpretes da MPB. Foi responsável pela implantação do curso de Comunicação Social com ênfases em Mídias Sociais e Produção Cultural no Campus Agreste da UFPE (2015) e coordenou o curso no período de 2015 a 2018. Foi membro da equipe de pesquisa e co-autor do dossiê “Instrução técnica da solicitação de registro das matrizes tradicionais do forró como patrimônio cultural brasileiro” (2021). Foi membro do Conselho Consultivo para a candidatura do Recife ao título de cidade criativa na área de música, concedido pela UNESCO (2021). Realizou pesquisa para filmes documentários diversos sobre música popular. Atualmente coordena o Programa de Pós-graduação em Música da Universidade Federal de Pernambuco.

4.4.10. Cassius Cavalcanti – cantor, instrumentista e compositor

Nascido em 1974, iniciou seus estudos musicais aos oito anos de idade. Seu pai, Getúlio Cavalcanti – cantor e compositor pernambucano – foi o seu grande mestre e incentivador.

Gravou seu primeiro disco (compacto) em 1984 pela gravadora Copacabana – SP.

Estudou violão clássico e teoria musical na UFPE – Curso de Extensão Musical.

Estudou guitarra e teoria musical no Conservatório Pernambucano de Música.

Em 2016, participou como violonista 6 cordas da gravação do DVD de seu pai, “Acerto Lírico”, gravado no Teatro Santa Isabel e transmitido pela Rede Globo.

Em 2018, gravou o CD intitulado “Frevo na Veia”, uma coletânea de músicas carnavalescas compostas pelo seu pai.

Em 2020, compôs o Frevo-Canção “Pernambuco Te Quer”, música que foi escolhida pela Rede Globo para ser a vinheta do Carnaval.

Em 2021, foi convidado pelo grupo “Som da Terra” para ser o novo violonista e um dos vocalistas da banda.

4.4.11. Elton Sarmiento – violinista, cavaquinista, compositor e produtor musical

Iniciou sua carreira profissional aos 16 anos. Seu ingresso na cena pernambucana se deu com a banda Som do Bardo, que logo se torna Zé Bonina, sendo a vencedora de um dos festivais de música da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

Até o presente momento, já dividiu o palco com artistas consagrados de diversos estilos dentro e fora do cenário pernambucano: Cláudio Rabeca, Nicolas Krassik, Cacai Nunes, Pereira da Viola, Ivan Vilela, Getúlio Cavalcanti, Emerson Sarmiento, Bozó 7 Cordas, Bloco da Saudade, Sérgio Andrade, Igor de Carvalho, Bia Marinho, entre outros.

É idealizador do projeto Novos Boêmios, assumindo também o violão 7 cordas e a produção musical.

4.4.12. Gizelle Dias – cantora, violinista, compositora e produtora musical

Apesar de sua formação erudita, carrega na alma a pulsação da *world music* que transcende as barreiras de gêneros e rótulos musicais. Graduada em Licenciatura em música pela UFPE, já dividiu o palco e estúdio com artistas como Maestro Spok, Elba Ramalho, Maestro Duda, Sivuca, Arnaldo Antunes, Dominginhos, Carlinhos Brown, dentre outros. Através da sua voz e violino, Gizelle vem apresentando uma nova perspectiva da música regional pernambucana ao redor do mundo com seu refinamento e criatividade através de um de seus projetos, o Flor de Muçambê, onde gravou seu primeiro CD (disponível no *soundcloud*) e tendo levado sua música pra ser apreciada em países como Suécia, durante o primeiro *Brazilian day* de Estocolmo e Londres na mais tradicional casa de Jazz, o Ronnie Scotts. A multifacetada artista também desenvolveu trabalhos musicais diversificados através de seu projeto Ella's Bossa & Jazz onde reproduz um repertório que vai do pop ao jazz, passando pelo samba e bossa em arranjos exclusivos repaginados com o charmoso toque vintage. Neta do Maestro Duda, patrimônio vivo e imaterial da humanidade, Gizelle faz jus ao longo dos seus pouco mais de 20 anos de carreira, à sua herança musical. Indicada ao prêmio ACIMPE 2017 e vencedora da categoria de melhor CD em 2018 com o cd Flor de Muçambê, Gizelle Dias tem sido também uma grande representante da diversidade musical do estado de Pernambuco, recebendo em 2015 pela Casa da Imprensa de Pernambuco, o título e homenagem de Mulheres que Mudaram a História de Pernambuco.

Projeto Ella's nasceu em 2015, a partir da necessidade em desenvolver um trabalho único que explorasse o que há de melhor na música nacional e internacional, levando o público a não só apreciar a música, mas explorar sensações. Ella's proporcionam uma experiência única, para ser guardada na memória! Grandes clássicos do Rock, Pop e Rock Pop mundial, passeando por diferentes décadas, interpretadas com muito estilo e autenticidade.

4.4.13. Jau Melo – músico (baterista) profissional pela Ordem dos Músicos do Brasil (desde 1982)

Integrante, idealizador e compositor na banda de música instrumental Kastarrara. Integrante e idealizador da Banda Caetano. Produtor e diretor artístico dos CDs Instrumental Music Fusion, da Banda Kastarrara, lançados em 1992 e 2006. Produtor e diretor artístico do DVD da Banda Caetano, gravado ao vivo, no Pátio de São Pedro, em abril de 2009.

Artistas e bandas que já integrou: Cátia de França, Ívano, Ednaldo Lima, Jesuíno, Denis Raz, Andreia Luiza, Jaina Elne, Ivinho, Sinay Pessoa, Sevi Nascimento, André Mello, Nido Pedrosa, Anchieta Dali, Jessé de Paula, Maruk, Patrik Dimon, G Domingues, Rogério Resende, Taty Veloz, Gil Cordas, Rui Cabral, Marcílio Fonseca, Jeh Rafa, Sheylla Targino, Gordo de Olinda, Edy Carlos, Erasto Vasconcelos, Cristina Amaral, Tito Lívio, Azulão do Nordeste.

Bandas: Pernambucália, Marzulu, A Flor de um Novo Reggae, Ciranda Cobiçada, Cães Mortos, Tryetil, H-Blues, Crime Organizado, Púbis, Distúrbio Metal, Mostragem, Manxa, J. Duo, Armorial Rock.

4.4.14. João Paulo Albertim – cavaquinhistas, bandolinista e compositor

Nascido no Recife, João Paulo Albertim, 37 anos, é arranjador e produtor musical. Iniciou os seus estudos de música na cidade de União dos Palmares – AL. Graduado em Licenciatura em Música pela UFPE em 2020; Tecnologia em Produção Fonográfica pela AESO – Faculdades Barros Melo em 2015, e Técnico em cavaquinho pelo Conservatório Pernambucano de Música (CPM) em 2013 – o primeiro aluno formado em seu instrumento na instituição. Produziu o CD Toca Pernambuco lançado em 2012 sob a direção musical do maestro e bandolinista Marco César, com o objetivo de ressaltar a diversidade de timbres e as possibilidades de fusão de gêneros e ritmos nordestinos com a presença do xote, forró, frevo de rua, toada e caboclinho, contribuindo decisivamente para a literatura do cavaquinho moderno. Atualmente participa da Orquestra Retratos, Orquestra de Pau e Cordas do Coral Edgard Moraes, Conjunto Pernambucano de Choro, Duo Sensível, Choro Cantante e está com seu segundo disco em produção.

4.4.15. Júnior Chumbago – violinista, cantor, compositor, produtor e arranjador musical

Pernambucano natural do Recife. Estudou no Conservatório Pernambucano de Música, no Recife. Tem 40 anos de carreira, tendo integrado os famosos grupos Alcano e Trepidant's. Acompanhou músicos como Paulo Diniz, Getúlio Cavalcanti, Nena Queiroga, Gilberto Gil, Ivete Sangalo, Maria Gadú, Luiza Possi, Elba Ramalho, Lenine, Maestro Spock, entre muitos outros.

Recebeu o título de Cidadão de Olinda. há 15 anos formou a banda Júnior Chumbago e Família, hoje Família Chumbago, junto com seus filhos Clara e Diego e dos seus irmãos, Walter Neves, Waldir Neves e Waldilson Neves (Didi). Eles fazem grandes eventos particulares e públicos, como o carnaval e o São João de Olinda, tendo sido um dos primeiros artistas a integrar a grade de programação da cidade de Olinda. Júnior tem participado dos desfiles oficiais do Galo da Madrugada, com um trio elétrico especialmente preparado para sua apresentação. Júnior é ainda professor de música e violão, atendendo alunos de todas as idades. Desenvolve trabalhos voluntários de música no Lar Manuel Quintão, atendendo crianças carentes do entorno do antigo lixão de Aguazinha, em Olinda.

4.4.16. Júnior Vilarim – radialista, músico e produtor de áudio

Ivanildo Vilarim de Souza Junior nasceu em Serra Talhada – PE. Atua desde os 19 anos em comunicação como rádios, produtoras de áudio e vídeo publicitário e agências de marketing. Toca baixo, teclado e violão. Passou por rá-

dios como a Estação Sat, SomZoom Sat, Manchete, 102 FM e hoje atua na Hits FM. Sócio da AVALON PRODUÇÕES, uma produtora de áudio e vídeo publicitário em Recife. Em rádio, começou como discotecário, organizando os discos de vinil e fazendo a programação musical, em 1995. Depois passou a produzir áudios e enveredou por esse caminho.

No Rádio participou do início da Estação Sat e criação de várias afiliadas por todo o estado, treinando o pessoal para locução e produção e montando estúdios.

Por se destacar nas produções de áudios os clientes começaram a pagar pelos *spots* e daí nasceu a Avalon Produções, uma produtora especializada em chamadas de festas e vídeos de festas para TV.

4.4.17. Lucas Correia – compositor e brincante do Bloco da Saudade

Lucas Gustavo Correia Santos nasceu em 6 de julho de 1992 em Vitória de Santo Antão, Pernambuco, mas desde sua infância reside no município de Glória do Goitá – PE.

É Bacharel em Ciências Jurídicas, foi Secretário Executivo da Prefeitura de Glória do Goitá e por dois mandatos presidiu o Conselho de Cultura do Município.

Cresceu sob as influências culturais do seu avô e da sua bisavó materna, com quem aprendeu o ofício de criar máscaras de papel machê e a amar o Carnaval.

Desfila em agremiações carnavalescas desde os seus 06 anos de idade, com passagens pela Escola de Samba Mocidade Gloriense, Maracatu Águia Dourada Mirim, Bloco Lírico Cordas e Retalhos e hoje está no Bloco da Saudade.

A vivência com o Carnaval proporcionou a Lucas algumas parcerias em composições de Frevos de Bloco, inclusive homenagem ao Calunga Gigante, o Homem da Meia Noite.

O encontro com a arte foi de tamanha grandeza que o permitiu assinar os adereços do Carnaval 2023 do Bloco da Saudade em parceria com o grande estilista, Paulo Carvalho.

4.4.18. Valéria Moraes - produtora, professora, cantora e flautista

Neta de Edgard Moraes, grande compositor de Frevo de Bloco do Recife e um dos fundadores do Bloco da Saudade. Iniciou seus estudos musicais no Conservatório Pernambucano de Música, onde cursou teoria, solfejo, técnica vocal, flauta doce e transversa. Tem sólida experiência na área de produção de eventos artísticos e culturais. Premiada na 15ª edição do projeto “Mulheres que mudaram a história de Pernambuco”, em maio/2019. Produção e coordenação geral do projeto “Do choro ao frevo”, em parceria com o Museu Paço do Frevo, desde abril Membro do Con-Paço (Conselho Consultivo do Paço do Frevo).

Experiência profissional:

Escola Primeiro Passo/Colégio Grande Passo, na função de coordenadora de eventos. Principais atividades: planejamento, organização, execução e coordenação dos eventos da Educação Infantil ao Ensino Médio. Negociação com fornecedores e órgãos para realização dos eventos.

Colégio Paulo Paiva, na função de: Coordenação de Eventos e Professora de Musicalização. *Colégio GEO na*

função de professora de Musicalização Infantil. SESC na função de professora de Musicalização Infantil.

Experiência na área artística:

Direção e Produção Musical do Conjunto Pernambucano de Choro e do Coral Edgard Moraes. Produção Artística do projeto Encontro de Violões e Bandolins do Recife desde 2004. Produção Artística dos espetáculos 15 anos (Teatro do Parque) e 20 anos do Coral Edgar Moraes (Teatro Santa Isabel). Produção do grupo chorando em PE (formado pelos maestros Spok e Marco César), para o evento da Secretaria de Cultura do Recife – Projeto 100 Anos de FREVO, turnê nacional e internacional pela EMPETUR – lançamento do Voo da TAM – Recife /Buenos Aires. Produção local da Turnê Choro Carioca: Música do Brasil – PETROBRAS. Produção Artística no CD Cantos & Encantos - Coral Edgard Moraes – lançado em 2012. Produção e Direção do Dia do Frevo de Bloco que acontece desde 2004 no Pátio de São Pedro e atualmente na praça do Arsenal do Recife, em parceria com o Museu Paço do Frevo. Direção e Produção das apresentações do Coral Edgard Moraes no Carnaval do Recife 2011 a 2020 e Programação Cultural do nosso estado para feiras e congressos. Direção e Produção da Cantata Natalina do Paço do Frevo – 2014. Direção e Produção da Cantata Natalina no Instituto Ricardo Brennand – 2014. Direção e Produção do projeto “Do Choro ao Frevo”, em parceria com o Museu Paço do Frevo – 2016. Edições do CD Recifrevo e Recifrevoé – Prefeitura do Recife/PE. Apresentação no encerramento do Curso de Capacitação de Regentes e Instrumentistas de Orquestras de Pau e Cordas – Governo do Estado/PE. Apresentação na quadra da Mangueira – RJ, projeto 100 anos de frevo, em comitiva organizada

pela Prefeitura do Recife. Apresentação pelos 470 Anos da cidade do Recife com Orquestra Sinfônica e Maestro Spok.

Graduação: Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Conclusão: maio/2010.

Cursos complementares:

Curso Básico Preparatório de Iniciação Musical na área teórica e instrumental (Conservatório Pernambucano de Música). I Festival Norte/Nordeste de Flautistas (Universidade Federal de Pernambuco). Prática de Ensino para Coro Infantil (Universidade Federal da Paraíba – Prof^a Carmo Fausto). Aprendizagem e Avaliação Significativa (Colégio GEO/PE – Prof. Vasco P. Moretto). Aprendendo através da Música (Colégio São José/PE - Prof^a. J. Collares).

4.4.19. Verônica Sanfoneira – cantora, compositora e instrumentista

Formada em música pela Universidade Federal de Pernambuco. Pós-graduada em Pedagogia do Instrumento pela UFPE. Professora e produtora cultural, atua desde 2001 em diversos segmentos musicais. Já fez apresentações voz e violão em diversos espaços culturais, bares e clubes do Recife, como Clube Alemão e região metropolitana e Caruaru. Em 2005 começou seus primeiros estudos de acordeon com o Mestre Camarão atuando também como sanfoneira no segmento do forró pé de serra, tocando em diversos trios e bandas de forró pé de serra na cidade do Recife. Em 2009 passou a integrar a banda “As Fulô”, primeira banda feminina de pé de serra da cidade de Caruaru, sendo revelação do São João da cidade naquele ano.

Em 2010 gravou seu primeiro CD com a banda “As Fulô”. Neste mesmo ano integrou o Sexteto Pernambucano de Acordeon do Mestre Camarão que se apresentou no II Festival de Sanfona de Juazeiro – BA, promovido pelo sanfoneiro Targino Gondim. Também em 2010 gravou um especial para a Rede Globo Nordeste em homenagem a cantora Marinês acompanhando grandes cantoras de forró pernambucanas. Em 2011 acompanhou o forrozeiro e radiologista Ivan Ferraz.

Atuou no espaço cultural Bar Seu Lua em Recife (2011-2012), integrando o trio Seu Lua, onde fez apresentações semanais (sextas e sábados) no formato trio pé de serra (sanfona, zabumba e triângulo), sempre resgatando o valor que o verdadeiro forró tem na nossa cultura popular. Neste mesmo período atuou na banda “Só Mulheres”, no período junino.

Em 2014 acompanhou o cantor e compositor Renato Spencer no São João da prefeitura do Recife. Em 2016 acompanhou o cantor e compositor Tito Lívio no São João da prefeitura do Recife e Fundarpe. Em 2017 participou com sua banda no festival VIVA DOMINGUINHOS na cidade de Garanhuns – Pernambuco. Neste mesmo ano acompanhou o cantor Salatiel d’Camarão no São João de Caruaru e de Recife e no carnaval 2018. Também em 2017 passou a integrar o grupo Pernambucneando de Bráulio de Castro e Fátima de Castro, atuando no São João de 2017 e Carnaval 2018.

Paralela às atividades como sanfoneira, cantora e compositora também atua como produtora cultural, tendo trabalhado ao lado do sanfoneiro Gennaro na produção da abertura do São João 2012 da cidade do Recife. Atua também como backing vocal em gravações. Gravou produções de Tiziu do Araripe e Bernadete França (SP), Quinho de

Valente, Edinho Caraíva e Edgar Mão Branca (BA), Dorgival Soares, Os Villarim, Gal Santos, Natal Sanfonado (Shopping Recife) (PE), Laerson Alves (PB), Anastácio Oliveira (DF) entre outros artistas.

Em 2014 lançou seu primeiro CD solo com composições próprias e de compositores consagrados no nosso forró. O CD ainda conta com participações especiais como Dominginhos, Gennaro, Maciel Melo,

João Silva, Xico Bizerra, Nádia Maia e Roberto Cruz. Em 2016 lançou seu segundo CD também com composições próprias e de grandes compositores nordestinos, seguindo a vertente do forró e com participações de Flávio José e Leonardo de Luna.

V – Educação musical ***Cursos livres, graduação e especializações***

Historicamente, a educação musical no Brasil tem sido reflexo de propósitos religiosos e políticos. Durante o período colonial, o ensino da música esteve a serviço da aculturação de indígenas e escravos pelos padres jesuítas que traziam da Corte as práticas musicais europeias, para ensinar o catecismo católico através de canções, hinos e autos religiosos – monólogos musicais do século XVI, coreografados e traduzidos para a língua tupi. O ensino para escravos foi encerrado por Decreto Real em 1759.

Ao chegar ao Brasil, D. João VI mostrou-se admirado ao ouvir alunos negros do padre José Maurício Nunes Garcia, excelente músico e compositor brasileiro, tocando e cantando na missa da Igreja de Santo Inácio de Loyola. Com a volta de D. João VI para Portugal, a música deixa de ter a importância de antes, apesar de o seu filho, D. Pedro I, ser um músico.

No período imperial, a música era feita para ser apreciada pela classe alta. Os primeiros teatros foram construídos e o processo de secularização das artes foi intensificado. Possuir um piano significava status, e o ensino particular de música tornou-se praticamente uma obrigação para os mais abastados.

Este foi o período do desenvolvimento de bandas e orquestras, e do surgimento das primeiras instituições e sociedades de música, que depois ficaram sendo administradas pelo governo, por sugestão do autor do Hino Nacio-

nal, Francisco Manuel da Silva, assim como a responsabilidade da educação do músico brasileiro.

5.1. Conservatório Pernambucano de Música - CPM¹⁸

Originalmente, o termo "conservatório" foi usado na Itália dos séculos XIV e XV para identificar creches, orfanatos e asilos mantidos pela Igreja para abrigar órfãos e crianças abandonadas. Era costume educar as crianças para uma profissão com o objetivo de "conservarli", ou seja mantê-las longe dos perigos da vida.

Nos primeiros séculos o ensino da música no Brasil era ministrado pela Igreja Católica e por instituições leigas como a Irmandade de Santa Cecília. O primeiro Conservatório do Brasil é o Conservatório Imperial de Música, no Rio de Janeiro, instituído por um decreto de D. Pedro II de 27 de Novembro de 1841. Após a proclamação da República passou a ser o Instituto Nacional de Música.

Ainda no século 19 seriam fundados o Conservatório Carlos Gomes em Belém do Pará e o Instituto de Música da Bahia. O Conservatório Dramático e Musical de São Paulo começa suas atividades em 1906.

No início do século 20 a riqueza cultural de Pernambuco se destacava como liderança entre as capitais nordestinas nas letras, no teatro, na arquitetura e na música. Uma temporada de concertos foi desenvolvida pela Sociedade de Cultura Musical, colocando Pernambuco no mapa internacional de concertos. Para os pianistas Manoel Augusto dos Santos, Ernani Braga e o violinista Vicente Fittipaldi, o

¹⁸ <http://www.conservatorio.pe.gov.br/>

Recife ainda precisava criar uma Orquestra sinfônica e um Conservatório.

O projeto de criação do Conservatório Pernambucano de Música foi apresentado à Assembleia Legislativa, pelo então deputado Arruda Falcão, onde foi aprovado. A sua fundação ocorreu em 17 de julho de 1930, sendo o seu primeiro diretor o maestro Ernani Braga, que administraria a instituição junto à Congregação dos Catedráticos, todos escolhidos em caráter definitivo.

No primeiro Estatuto do Conservatório Pernambucano de Música, aprovado pela Congregação dos Catedráticos em 1º de agosto de 1930, constavam os seguintes objetivos da entidade: difundir o ensino teórico e prático da música, acessível a todas as classes sociais; criar uma biblioteca e um museu da música; cordas friccionadas: contra-baixo acústico, violino, viola e violoncelo; formar o orfeão e a orquestra do Conservatório.

O CPM, inspiração direta para a criação das escolas de música de João Pessoa e Natal, iniciou as suas atividades oferecendo, para alunos de todas as classes sociais, cursos de teoria e solfejo, canto coral, harmonia, piano, violoncelo e canto harmônico, sendo as disciplinas teóricas, de canto coral e harmonia, ministradas coletivamente, e as disciplinas de instrumento e canto lecionadas individualmente. As audições aconteciam no Teatro de Santa Isabel, sempre lotado, tornando-se ponto de encontro da intelectualidade recifense.

A Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, e a atual Presidência do CPM¹⁹, conseguiram a aprovação do MEC para um projeto que faz do Conservatório Per-

¹⁹ Hoseane Hazin, desde 2015

nambucano de Música – CPM, um dos Centros de Educação Profissional do Brasil na área de música, oferecendo cursos em todos os níveis: da iniciação ao curso técnico de música, consolidando-se como um polo de estímulo à arte musical, de avanço tecnológico e de mudanças nas relações do trabalho, projetando-se como referência nacional na educação musical.

O CPM acolheu muitos músicos buscando formação especializada. Muitos seriam professores da casa e também atuariam na vida musical da cidade do Recife.

A cidade crescia e muitas eram as oportunidades de atuação para os jovens músicos: orquestras de clubes e das emissoras de rádio, boates, gravações, bandas e, especialmente, o Carnaval.

O final dos anos 1960 traz grandes mudanças. O Conservatório deixa a Rua do Riachuelo para se estabelecer num casarão na Avenida João de Barros.

A virada dos anos 1960 para a década de 1970 traz a criação de um dos melhores grupos da história da música brasileira, a Orquestra Armorial de Câmara de Pernambuco, que renova a música erudita brasileira com composições originais baseadas em motivos e temas nordestinos.

Nos anos 1980, foram os anos de criação e projeção da Orquestra de Cordas Dedilhadas, de vários grupos instrumentais de alunos e das primeiras experiências para a implementação do método Suzuki de ensino de cordas.

Nos anos 1980, 1990 e 2000 foram criados diversos grupos no Conservatório que se tornaram referência no Estado de Pernambuco. Conjuntos orquestrais como a Orquestra de Câmara de Pernambuco, a Orquestra Suzuki do

Alto do Céu e a Orquestra Sinfônica Jovem do Conservatório Pernambucano de Música, grupos como o Sagrama, Allegretto, Trio Sonata, Coro Ernani Braga, além do Coro de Câmara do Conservatório Pernambucano de Música.

O CPM se consolida como um polo de estímulo à arte musical, de avanço tecnológico e de mudanças nas relações de trabalho, projetando-se como referência nacional na educação musical.

5.2. Escola Técnica Estadual de Criatividade Musical

A escola foi fundada no ano de 1982 com o nome original do Centro Profissionalizante de Criatividade Musical, sendo oficializada no ano de 1984, através da publicação de decreto estadual, estando localizada em dois casarões da Rua da União, no centro do Recife.

No ano de 1987, muda-se para a Rua da Aurora, em instalações próprias, após ampliação com a construção de vinte e uma cabines para aulas individuais, um auditório, uma sala de canto coral, além de um laboratório de informática, possibilitando um aumento de vagas expressivo.

A missão da ETECM é a formação competente do profissional, técnico de instrumento musical, atrelada aos valores e princípios de educação em direitos humanos, com respeito à diversidade.

A partir de 2009 torna-se Escola técnica, atualmente contando com 63 educadores e 513 educandos que ocupam, desde 1987, um casarão antigo situado à Rua da Aurora, uma área urbana, no centro do Recife, às margens do rio Capibaribe.

Essa instituição tem buscado, ao longo de seu funcionamento, a excelência na prestação dos serviços educacionais, nos domínios da música, tendo sua estrutura educacional atualizada.

5.3. Centro de Educação Musical de Olinda - CEMO

O Centro de Educação Musical de Olinda - CEMO, popularmente conhecido como o Casarão rosa, foi fundado no ano de 1982. É uma escola que atende ao público infantil, a partir dos 6 anos de idade, bem como a adolescentes e adultos.

Seu corpo docente é formado por professores especialistas, mestres e doutores. Oferece ao público ensino de instrumentos como violão, guitarra, contrabaixo elétrico, piano, violino, viola, canto, flauta, saxofone, clarinete, trompete.

A história do Casarão cor de rosa começou a partir da doação do local pela prefeitura de Olinda, em 1982. O maestro Mário Câncio convidou crianças carentes do entorno a frequentar as aulas de piano, órgão, flauta e violão. Além do ensino, o kardecista Câncio oferecia alimentação, bolsas de estudos e, com muito esforço, calçados e roupas para os mais necessitados.

Descrito como uma pessoa bastante calma e paciente, Câncio foi regente da Orquestra Sinfônica do Recife, fundou e regeu a Orquestra do Rio Grande do Norte, atuou como professor da Universidade Federal de Pernambuco e foi um dos fundadores do Conselho Regional de Pernambuco da Ordem dos Músicos do Brasil.

5.4. Departamento de Música²⁰ da UFPE

Os cursos de Música na Universidade Federal de Pernambuco tiveram início em 1958 na Escola de Belas Artes da então Universidade do Recife. Atualmente, o Departamento de Música engloba três cursos de graduação:

1) Licenciatura em Música

Formação de professores para o ensino teórico-prático da música. O aluno deve ser capaz de atuar nas áreas de formação de corais, bandas, conjuntos instrumentais e ensino na área de educação musical – iniciação e matérias teóricas.

2) Bacharelado em Canto

Formação de cantores líricos com pensamento crítico e sensibilidade artística, capazes de se colocarem como agentes transformadores da realidade. Através do desenvolvimento consistente de habilidades técnicas e estéticas, vocais e corporais, e de um amplo espectro de conhecimentos musicais – como teoria musical, estilos, repertórios, treinamento auditivo, pronúncia e dicção de diversas línguas estrangeiras, entre outros – almeja-se que o aluno possa revelar habilidades indispensáveis à atuação profissional na sociedade nas dimensões artísticas, culturais, sociais, científicas e tecnológicas.

3) Bacharelado em Instrumento

Formação de profissionais com pensamento crítico e sensibilidade artística, capazes de se colocarem como agentes transformadores da realidade. O curso proporciona

²⁰ <https://www.ufpe.br/musica>

formação nos instrumentos: piano, cravo, violino, viola, violoncelo, contrabaixo, violão, flauta doce, flauta transversal, oboé, fagote, clarineta, saxofone, trompete, trombone e percussão.

A formação profissional é tão complexa quanto diversificada. Dentre elas está a preparação criteriosa para o exercício de atividades como solista junto a grandes e pequenos grupos instrumentais como orquestras, bandas e música de conjunto, além da atuação em recitais (acompanhados ou não).

No âmbito da pós-graduação, o Departamento oferece o curso de Mestrado Acadêmico em Música, além de atividades de pesquisa e extensão.

VI – Grupos e agremiações

6.1. SaGRAMA

Grupo Pernambucano de Música Instrumental

Em 1995, o grupo *SaGRAMA* foi criado no Conservatório Pernambucano de Música por iniciativa do Professor e Flautista Sérgio Campelo. O grupo trabalha a música pernambucana baseada nas manifestações de nossa cultura popular, com uma linguagem mais elaborada, mais erudita. Constituído de instrumentos acústicos, os 10 músicos buscam o máximo de efeitos sonoros em suas composições.

Em 1998, o grupo *SaGRAMA* criou e gravou a trilha sonora original da microssérie “O AUTO DA COMPADECIDA” do escritor Ariano Suassuna, exibida pela Rede Globo com direção geral de Guel Arraes sendo, em 2000, recordista nacional na versão lançada nos cinemas de todo Brasil. Através da Globo Filmes, o *SaGRAMA* gravou seu primeiro CLIP em 35mm, com direção geral de Guel Arraes, assistência de direção de Lula Queiroga e produção da Luni Produções. Em 2000, o grupo compõe a trilha sonora original da Peça Teatral “A ver estrelas...”, de Adriana Falcão e João Falcão. Aconteceram 9 apresentações, com a participação dos músicos do *SaGRAMA* em cena interagindo com os atores da peça. Em 2002, o *SaGRAMA* compôs e gravou a trilha sonora original do filme “O BRASIL IMPÉRIO NA TV” das diretoras Fátima Accetti e Cynthia Falcão, uma realização da Fundação Joaquim Nabuco em parceria com o Ministério da Educação. Em

2003, o grupo compõe a trilha sonora original da Peça Teatral “Fernando e Isaura”, primeiro romance do escritor Ariano Suassuna, adaptada pelo diretor Carlos Carvalho. Durante 3 meses em cartaz, todos os sábados e domingos, os músicos do *SaGRAMA* estiveram em cena interagindo com os atores da peça. Esta peça foi repetida durante 3 meses no final do ano de 2005, novamente com a participação do *SaGRAMA* em cena. Em 2004, numa produção conjunta dos países Brasil e Portugal, o grupo assinou em parceria com o compositor português Ricardo Dias, a trilha sonora de outra peça teatral: “Quem tem, tem medo”, do diretor Junior Sampaio. No início do ano de 2005, o *SaGRAMA* realiza um espetáculo no Sesc-Copacabana no Rio de Janeiro, onde grava um filme de 26 minutos com depoimentos de como se constrói uma trilha sonora. Este filme se torna o “Make Of” do filme o Auto da Compadecida exibido através de um caminhão com uma tela adaptada, em diversas cidades do Rio de Janeiro dentro do Projeto Cinema Tocado. Ainda em 2005, o *SaGRAMA* faz adaptação da trilha sonora original composta pelo músico Tim Rescala, da Peça Teatral Infantil “O Cavalinho Azul”, baseada na obra de Maria Clara Machado. Com direção geral de José Manoel, aconteceram 4 apresentações, com a participação dos músicos do *SaGRAMA* em cena, interagindo com os atores e cantores infantis da peça. Em 2006, o *SaGRAMA* assina a autoria de mais uma trilha sonora. Desta vez para a peça teatral “Histórias de além-mar” da Companhia Muganga de Amsterdam-Holanda, da diretora Cláudia Maoli. Em 2011 o *SaGRAMA* é indicado ao “PRÊMIO DA MÚSICA BRASILEIRA” como melhor grupo regional. Em 2013, o *SaGRAMA*, através da lei de incentivo a cultura do estado de

Pernambuco (FUNCULTURA), esteve em turnê internacional se apresentando em diversas cidades da França e Bélgica. Em 2014, o *SaGRAMA* participa do espetáculo “Cordas, Gonzaga e Afins”, juntamente com a cantora Elba Ramalho, o Quarteto Encore, o baterista Tostão Queiroga e os sanfoneiros Marcelo Caldi e Beto Ortiz num projeto criado pela Margot Produções, direção geral de Andre Brasileiro e realizado pela NATURA MUSICAL. O espetáculo foi apresentado em Salvador, Fortaleza, Curitiba, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e no Recife onde foi realizada a gravação do DVD “Cordas, Gonzaga e Afins” na casa de espetáculo Chevrolet Hall. No final de 2015, aconteceu o lançamento nacional do DVD e CD deste projeto, intitulado “Cordas, Gonzaga e Afins”. Em 2016, este referido projeto arrematou dois importantes prêmios no “27º PRÊMIO DA MÚSICA BRASILEIRA” na categoria regional: MELHOR ÁLBUM - “Cordas, Gonzaga e Afins”, produtores Sérgio Campelo e Tostão Queiroga e MELHOR CANTORA.

- Elba Ramalho. O CD deste referido projeto teve indicação para o prêmio internacional “GRAMMY LATINO”, na categoria Música de Raízes em 2017.

Em toda sua trajetória, o *SaGRAMA* esteve em cena com artistas renomados como Elba Ramalho, Alceu Valença, Naná Vasconcelos, Yamandu Costa, Nação Zumbi, Hamilton de Holanda, Wagner Tiso, Marcelo Geneci, Maestro Spok, Antônio Nóbrega, Silvério Pessoa, Quinteto Violado, Marcelo Caldi, Beto Ortiz, Santana, Maciel Melo, Gonzaga Leal, Getúlio Cavalcanti, Marco Cesar, Coral Edgar Moraes, Fred Andrade, Orquestra de Câ-

mara de Pernambuco, Quarteto Encore, Cia de Dança Perna de Palco, entre outros...

Discografia

O *SaGRAMA* tem 10 CDs e um DVD gravados e vendidos em todo Brasil:

- 1) SaGRAMA
- 2) ENGENHO
- 3) TRILHA SONORA - O AUTO DA COMPADECIDA
- 4) TÁBUA DE PIRULITO
- 5) BRASIL IMPÉRIO NA TV
- 6) TENHA MODOS
- 7) CHÃO BATIDO, PALCO, PICADEIRO
- 8) CORDAS, GONZAGA E AFINS
- 9) SaGRAMA ALINHAVADO
- 10) NA TRILHA DE UMA MISSÃO

Premiações

- Primeiro lugar no “Prêmio AESO De Cultura Pernambucana 1998”, na categoria música.
- O primeiro CD intitulado “SaGRAMA” do grupo foi finalista do “PRÊMIO SHARP 1998”, na categoria música instrumental.
- Homenageados no “23º Baile dos Artistas” em 2001, destaque música.
- Primeiro lugar no “Prêmio Bandepe Valor Pernambucano Arte e Cultura” em 2002, categoria música.
- Prêmio especial do júri APACEPE de Teatro e Dança em 2004, pela realização da trilha sonora da

peçateatral “Fernando e Isaura”.

- Indicado ao “PRÊMIO DA MÚSICA BRASILEIRA 2011”, na categoria “Melhor Grupo Instrumental”.
- Vencedor do “PRÊMIO DA MÚSICA BRASILEIRA 2015”, na categoria “Melhor Cd regional” com o Cd “Cordas, Gonzaga e Afins”.
- Indicado ao 17º GRAMMY LATINO, na categoria “Melhor álbum de música de Raízes Brasileiras”.

Formação atual

- SÉRGIO CAMPELO - Flautas, Arranjos e Direção Artística
- INGRID GUERRA - Flautas
- CRISÓSTOMO SANTOS - Clarinete, Clarone
- CLÁUDIO MOURA - Viola Nordestina, Violão, Arranjos e Co-direção
- ARISTIDE ROSA - Violão
- JOÃO PIMENTA - Contrabaixo acústico
- ANTÔNIO BARRETO - Marimba, Vibrafone e percussão
- TARCÍSIO RESENDE - Percussão
- DANNIELLY YOHANNA -percussão ISAAC SOUZA – Percussão

6.2. Reverbo²¹

A movimentação Reverbo nasceu em 2016, em casas, terraços e apartamentos no Recife com músicos criando junto e separadamente.

Tudo começou quando o compositor e produtor musical Juliano Holanda e sua companheira, a produtora cultural Mery Lemos, começaram a abrir a pequena sala de sua residência no bairro da Boa Vista (PE), para juntar cantores.

Então, perceberam a potência que a união de vários talentos, tendo a canção como pilar, poderia causar. De lá para cá, já são mais de 20 mostras Reverbo apresentadas no estado, com grande circulação de público e muitas vozes, em coro, repetindo as canções.

O Reverbo tem chamado a atenção por sua diversidade e seu alcance, e muita gente o identifica como um movimento ou uma nova cena da música pernambucana.

Quando perguntam qual o objetivo do Reverbo, Juliano Holanda responde: a próxima nota, a próxima palavra, o próximo verso, a próxima música, o próximo encontro.

Da música para o cinema, do cinema para a música. A Mostra Reverbo, movimentação que reúne artistas de música autoral em Pernambuco, em única apresentação virtual, que tem como cenário um dos principais monu-

²¹<https://www.band.uol.com.br/band-multi/campinas-e-regiao/noticias/mostra-reverbo-traz-29-musicos-de-pernambuco-para-se-apresentar-em-campinas-16522316>
<https://www.simsaopaulo.com/reverbo-o-coletivo-de-musicos-pernambucanos-com-visao-humanista/>

mentos da cultura pernambucana - o Cinema São Luiz, no Bairro da Boa Vista, centro do Recife.

6.3. Em Canto e Poesia²²

De São José do Egito para o Recife, bons ventos sopram músicas e rimas, irmanadas através dos versos e melodias do grupo Em Canto e Poesia. Gestado despreziosamente, o Em Canto e Poesia tem seu embrião fecundado em 2005, a partir da junção das rimas de Antônio Marinho e do violão de Greg Marinho, irmãos de sangue e de arte. Posteriormente, juntou-se a eles o caçula, Miguel, que assumiu o pandeiro e vocais, a partir de 2009, e, de lá pra cá, vêm encantando todos os públicos por onde passam. Crias de uma dinastia de poetas que vêm passando de pai para filho o dom de encantar o mundo pela cadência das palavras, eles têm na árvore genealógica a motivação maior para endossar a máxima: “Quem sai aos seus não degenera”. São bisnetos de Antônio Marinho, poeta do século XIX, e netos de Lourival Batista, o Louro do Pajeú, figura mítica que marcou história na região. Os três são filhos da cantora e compositora Bia Marinho. Greg, o mais velho, tem como pai o poeta e compositor Lamartine Passos. Já Antônio e Miguel são filhos de Zeto de Pajeú. Portanto, não há como negar que a poesia corre solta nas veias dos três jovens.

²²<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/musica/noticia/2018/01/14/em-canto-e-poesia-netos-ligam-tradicao-do-pajeu-ao-pop-323697.php>
<https://www.sympla.com.br/evento/em-canto-e-poesia-pedaco-do-mundo-inteiro/1374202>
<https://jornalggn.com.br/musica/musica-e-versos-grupo-encanto-e-poesia/>

Então, essa generosidade do destino os impulsionou a transformar suas afinidades familiares e artísticas no Em Canto e Poesia.

A sonoridade, então, começou a ganhar novos contornos musicais, onde eles puderam explorar de forma mais ampla as possibilidades de interação com a poesia que carregam em si. “Nós não temos um estilo pré-definido, apenas a ligação com a cantoria de viola e com o improviso, que são nossas matrizes. A gente tem no repentista a nossa composição. Os nossos versos carregam muito do martelo alagoano, do galope à beira-mar, das sextilhas. Mas a música pode ser um coco, um reggae, um ijexá, uma balada”, explica Antônio Marinho.

Em Canto e Poesia busca mergulhar em sua própria verdade existencial e artística e embarca na tentativa de imprimir um pedaço da sua história. O pedaço de agora. E o agora tem se apresentado ao grupo de forma generosa e substancial. Apesar das dificuldades trazidas pela pandemia os últimos anos têm se revelado frutíferos e prósperos para o grupo, profissionalmente falando. Depois do primeiro disco (Em Canto e Poesia - 2014) e do primeiro DVD (Canção do Tempo - 2017), nos quais o grupo canta para o mundo sentado na sombra de algum Juazeiro plantado nas terras de São José do Egito. o grupo ampliou seu público nacionalmente, andou boa parte do Brasil e se prepara para viagens internacionais. É a busca de sempre com a ânsia própria do caminho que palmilhamos no presente. É um canto que tenta dizer que andar pelo mundo é reencontrar o que somos, é ver o Pajeú de forma universal e é confirmar que diferenças não são distâncias e distâncias não são diferenças. Nosso primeiro trabalho diz que somos do Pa-

jeú e que ele é maravilhoso. Este segundo diz que o Pajeu é maravilhoso, mas é um pedaço de um todo mais maravilhoso ainda. Somos um PEDAÇO DO MUNDO INTEIRO.

“Louro metaboliza nossa música quando não nos deixa esquecer quem somos. Por mais que nossa roupagem pop seja nova e distante da tradição de um cantador, seremos sempre netos de cantador experimentando e misturando repente com o resto do mundo. É nosso radar e localizador”, diz Antônio Marinho.

6.4. Agremiações²³

São grupos que congregam pessoas com o objetivo de promover atividades ligadas ao Carnaval.

No Recife, a partir de 1880, década em que foi abolida a escravidão e proclamada a República no Brasil, multiplicou-se o número de agremiações carnavalescas populares nas ruas, formadas por trabalhadores urbanos, artífices e artesãos, operários, caixeiros, feirantes, domésticos. Quando se apresentavam em público, arrastavam toda sorte de gente: desocupados, vadios, moleques de rua, capoeiras. Dentre os clubes carnavalescos pedestres, predominavam aqueles que se faziam acompanhar pelas bandas de música ou orquestras de metais que executavam as vibrantes marchas carnavalescas, mais tarde conhecidas por marchas pernambucanas e, finalmente, por frevo: Caiadores, Caninha Verde, Vassourinhas, Pás, Lenhadores, Vasculhadores, Espanadores, Ciscadores, Ferreiros, Empalhadores do Feitosa, Suineiros da Matinha, Engomadeiras, Parteiras

²³ <https://pesquisaescolar.fundaj.gov.br/pt-br/artigo/agremiacoes-carnavalescas-do-recife-e-olinda-clubes-de-frevo/>

de São José, Cigarreiras Revoltosas, Verdureiros em Greve, em meio a tantos outros. No vaivém dos clubes e troças, nasceram o frevo e o passo pernambucanos. No início do século XXI, convencionou-se que o frevo nasceu em 1907, ano em que foi encontrado o primeiro registro da palavra frevo em um jornal local, o Jornal Pequeno, na edição de 9 de fevereiro de 1907.²⁴

Conhecido como plural e multicultural, o Carnaval de Pernambuco – apesar de variadas manifestações em todo o Estado – tem seus pontos altos nas cidades do Recife e na vizinha Olinda. Nessas manifestações populares e culturais estão presentes as cores, danças e músicas das três raças que deram origem ao povo brasileiro: o negro, o branco e o índio.

Há uma diversidade enorme de agremiações carnavalescas que, antes, durante e até depois do Carnaval fazem a alegria dos foliões. Entre elas podem ser destacados os clubes de frevo, as troças, os blocos, os clubes de bonecos, os maracatus (nação ou de baque virado e de baque solto ou rural), os caboclinhos, as tribos de índios, os bois de carnaval, os ursos (La ursa), as escolas de samba e os afoxés.

Originários de corporações profissionais existentes na cidade do Recife no final do século XIX, os clubes de frevo hoje são compostos por outras classes sociais, contando sempre com uma grande participação popular. Diferentemente das troças seus desfiles acontecem à noite.

²⁴ Rita de Cássia Barbosa de Araújo, *Carnaval no Nordeste do Brasil*, 2009.

Da sua antiga organização ainda conservam o estandarte e algumas figuras como o Morcego, a Morte e o Diabo. Os antigos Capoeiras, conhecidos como brabos ou valentões, foram substituídos pelos passistas e as bandas militares pelas orquestras de metais. Sua formação geralmente se apresenta com um abre-alas (ou uma faixa), balizas, damas de frente, vestidas com veludo, seda e lamê, representantes da diretoria, destaques, cordões, porta-estandarte, passistas, orquestras e, em alguns casos, carros alegóricos.

Para os organizadores dos clubes de frevo, o estandarte é o item decorativo que requer mais cuidados e capricho por parte da agremiação. É a bandeira que a representa. Quanto mais antigo e duradouro melhor. Por isso alguns são bordados com fios de ouro.

As orquestras dos clubes de frevo precisam de uma verdadeira banda de música para a execução do frevo de rua, cuja linha melódica é a responsável pela coreografia do passo e pela movimentação dos foliões. São elas que divulgam o frevo pelas ruas da cidade e contribuem para a animação do Carnaval.

Atualmente existem, entre outros, os seguintes clubes de frevo carnavalescos mistos no Recife e em Olinda, alguns bastante antigos, fundados no final do século XIX e ainda em atividade:

Bola de Ouro

Fundado no dia 15 de setembro de 1915, na Rua da Bola, em Santo Amaro. Atualmente, sua sede fica no bairro de São José. Tem como símbolo uma bola dourada e suas cores oficiais são o amarelo e o preto.

Girafa em Folia

Criado como Troça (uma agremiação carnavalesca menor, que sai durante o dia) em 7 de maio de 1960, no bairro de Guadalupe, em Olinda, hoje sua sede está localizada em Areias, no Recife. Seu símbolo é uma girafa, que aparece no estandarte da agremiação rodeada de confete e serpentina. Suas cores oficiais são as mesmas da girafa, o amarelo e o preto.

Lenhadores

Fundado no dia 5 de março de 1897, da dissidência de um grupo do Clube das Pás, tendo como primeira sede o bairro da Boa Vista (Rua da Glória). Atualmente, sua sede fica na Mustardinha. Tem como símbolo dois machados entrecruzados e suas cores oficiais são o verde, o vermelho e o branco.

Pás Douradas

Criado no dia 19 de março de 1888, como Bloco das Pás de Carvão, por um grupo de carvoeiros do Porto do Recife. Em 1890, mudou o nome para Clube Carnavalesco Misto Pás Douradas. Sua sede fica localizada no bairro de Campo Grande e tem como símbolo pás de carvão amarelas ou douradas. O verde, o amarelo e o vermelho são suas cores oficiais.

Vassourinhas

Fundado no bairro de São José, no Recife, em 6 de janeiro de 1889. Tem como símbolo uma vassoura e suas cores oficiais são o amarelo, o azul e o branco. Com sede própria, funciona hoje no bairro de Afogados. A música Marcha nº 1 de Vassourinhas é uma das mais tocadas no Carnaval de Pernambuco.

Pavão Misterioso

Fundado no dia 25 de maio de 1975, no bairro de Peixinhos, em Olinda, como uma Troça carnavalesca, tornou-se Clube em 1989. Seu nome teve origem na música e novela Pavão Misterioso, grande sucesso na época. Seu símbolo é um pavão e suas cores oficiais o rosa, o amarelo e o vermelho. Em 1990, a sede do clube foi transferida para o bairro do Ibura.

O Galo da Madrugada

Clube de Máscara O Galo da Madrugada foi criado no dia 24 de janeiro de 1978, no bairro de São José (Rua Padre Floriano, 43), por um grupo de amigos capitaneado pelo carnavalesco Enéas Freire. Seu símbolo é um galo que renova o visual a cada ano e não possui cores oficiais.

Maracangalha

Fundado no dia 6 de setembro de 1958, no bairro da Torre, Recife, como uma Troça chamada de Agripina. Em 2000, devido ao seu crescimento e sucesso, mudou para a categoria de Clube passando a ser Clube Carnavalesco Misto Maracangalha, cujas cores oficiais são o amarelo e o vermelho. Seu símbolo, exibido no estandarte, é uma mulher numa praia semelhante a de Maracangalha, no litoral baiano.

Arrasta Tudo

Fundado em 8 de março de 1937, no bairro recifense de Beberibe, tem sua origem na Troça Meninas de Ouro, que desfilava pelo bairro em 1936, arrecadando dinheiro dos moradores para custear a bebida e a comida durante o período de Momo. Seu símbolo são dois ciscadores, instrumento de

limpeza que serve para arrastar folhas e outros detritos. Dez anos depois de criada, em 1947, a Troça passou para a categoria de Clube. Suas cores oficiais são o azul e o branco.

Transporte em Folia

Fundado como Troça em 20 de setembro de 1936, tem seu estandarte nas cores verde, vermelha e amarela, com o desenho de um caminhão carregado de açúcar no centro. Na década de 1980, passou para a categoria de clube de frevo. Sua sede fica no bairro recifense de Afogados.

Reizado Imperial

Também foi fundado como Troça Carnavalesca, em 11 de janeiro de 1951, na Bomba do Hemetério, bairro de Água Fria, no Recife. Seu estandarte tem como símbolo um rei, que representa o personagem principal do Reisado. Suas cores oficiais são o vermelho, o amarelo e o azul. Em 1987, passou para a categoria de clube de frevo.

Pão Duro

Fundado no dia 16 de março de 1916, como troça Carnavalesca, por um grupo de rapazes no bairro do Pina. No Carnaval de 1917, desfilou com seu primeiro estandarte confeccionado com lona, pintado em vermelho e verde, tendo no centro o escudo de armas de Pernambuco e dois anjos ladeando um pão. Em 1993, ascendeu à categoria de clube de frevo, mantendo seu símbolo e suas cores.

Mesmo com as dificuldades para conseguir verba para os desfiles carnavalescos, existem cerca de cinquenta clubes de frevo que participam dos carnavais das cidades do Recife e de Olinda. Mais de 25 deles são filiados à Federação Carnavalesca Pernambucana.

VII – Mercado de trabalho

As possibilidades de profissionalização na cadeia produtiva da música são inúmeras: produção de espetáculos e turnês; fabricação e venda de instrumentos, equipamentos e acessórios; estúdio de gravação; iluminação, sonorização e montagem de palco; marketing cultural e direção artística; agente (profissional que assume a promoção das apresentações dos artistas mediante recebimento de comissão sobre os cachês), etc.

O músico amador, geralmente, exerce outra atividade econômica, sendo a música apenas um *hobby*, exercida como passatempo e sem remuneração. O semiprofissional recebe remuneração, mas precisa de outra atividade remunerada que complemente a sua receita. Já o profissional tem na música a sua única fonte de renda.

O artista é o músico que pode ser instrumentista, autor e intérprete de suas obras, apenas intérprete de outros autores ou ainda instrumentista e intérprete. Para se apresentar ele precisa de um produtor executivo que cuida da logística e da operacionalização de suas apresentações.

Com o desenvolvimento da tecnologia na música o sistema analógico foi abandonado nos estúdios, dando lugar a computadores e softwares de gravações. Até os *shows* ao vivo utilizam o sistema digital – mesas, simuladores de amplificadores, etc. Já é possível criar canções inteiras e até mesmo vozes artificiais com apenas o uso de um computador.

A indústria fonográfica sofreu grandes transformações com a facilidade de distribuição, comercialização e divulgação.

Isso criou novos serviços, novas demandas e, ao mesmo tempo, eliminou antigos hábitos de consumo das últimas décadas.

Se antes, para fazer sucesso, era preciso estar dentro de uma gravadora influente, hoje só é preciso ser bom e, de alguma forma, cair no gosto do público.

A popularização das redes sociais e a internet mudaram a forma de consumo do conteúdo musical. Enquanto os CDs exigiam meses de espera para serem lançados, e os discos tinham preços elevados, o MP3 pode ser baixado em alguns minutos. Em poucos anos, o *YouTube* virou um fenômeno e as gravadoras começaram a perceber que ele era um poderoso instrumento para a divulgação de bandas.

Tudo agora é potencializado com a divulgação de conteúdo que ocorre em compartilhamentos de redes como *Facebook* e *Twitter*. Em poucos minutos uma nova música vira o assunto mais comentado, atraindo cada vez mais acessos ou visualizações para os vídeos. Dessa forma, em segundos novos artistas ou músicas podem ser conhecidos, o que, antigamente, poderia levar dias, semanas ou até mesmo meses. Isso gerou mais um novo fenômeno, que são as celebridades instantâneas.

O lado cruel da tecnologia aplicada à música, é que o sucesso quase que instantâneo pode acontecer para qualquer música boa ou apenas canções que grudem na cabeça ou, ainda, para clipes que tenham elementos muito diferentes e até mesmo bizarros.

Mas a grande oportunidade é mesmo para pequenas gravadoras e músicos independentes. Com uma boa estratégia, músicas com qualidade e dedicação é possível fazer qualquer faixa rodar o mundo.

7.1. Indústria cultural

É preciso, inicialmente, que sejam compreendidos os caminhos percorridos pela humanidade nos últimos tempos, para que se chegue ao entendimento dos fatores que levaram à transformação da arte genuína num produto a ser consumido como objeto de desejo, portanto, numa imitação da arte.

A arte é a expressão do indivíduo e de sua relação com o mundo. No momento em que as classes privilegiadas passaram a compreender a arte de boa qualidade como a que lhes proporcionava prazer e entretenimento, o artista passa a ser melhor remunerado do que em outra atividade pública, transformando-se o fazer artístico numa profissão, perdendo a sua essência – a sinceridade, do latim *sincerus*, cujo significado é limpo ou puro.

Reza a lenda que a palavra “sincero” teve origem num antigo hábito de passar cera nas esculturas em mármore para esconder as imperfeições. O senado romano teria decretado, então, que toda a escultura deveria ser entregue *sine cera*, ou seja, sem cera. A partir daí, o termo teria assumido o significado de "sem trapaça" e, posteriormente, sincero.

Os criadores dos contos, lendas e canções populares não eram remunerados por suas obras nem ligavam seus nomes a elas. Mais tarde, a arte que passou a ser produzida por poetas, dramaturgos e músicos da corte, que recebiam honrarias e remuneração, assim como os que depois vieram a fazer a mediação entre os artistas e o público – os consumidores de arte – editores, jornalistas e empresários.

No sistema capitalista tudo se transforma em mercadoria, inclusive a arte. Toda uma cadeia produtiva gira em torno do artista que vive de sua arte e que, portanto,

precisa inventar produtos que possam ser consumidos com avidez. Surgem os métodos de ensino da arte como atividade profissional. As escolas de arte privam o povo da capacidade de entender a arte verdadeira – a expressão peculiar de sentimentos do artista. Ensinam como outros artistas expressaram os seus sentimentos de acordo com a sua própria visão de mundo.

Surge a indústria cultural – instrumento que oprime o indivíduo a fim de padronizar a produção e o consumismo. O gosto pela arte é estimulado, não mais como expressão de sentimentos, porém, segundo as necessidades do mercado. A capacidade de perceber a arte genuína vai se perdendo, e o que resta é a aculturação – a sociedade habituada a aceitar a arte que quase nada tem em comum com ela.

7.2. O encantamento das massas

Existe uma tendência ao descarte do que não interessa ao sistema, caracterizando o poder absoluto do capitalismo. Essa padronização, de certa forma, monopoliza a cultura de massas. A padronização tem origem nas necessidades e desejos dos consumidores, o que explica o fato de serem aceitos sem resistência, uma vez que a sociedade se torna alienada, facilmente manipulada num círculo de consumo compulsivo.

A grande massa é treinada a agir de determinado modo. Se antes essa manipulação era mascarada, hoje isso não se faz mais necessário – a indústria cultural legitimou todo o sistema de comercialização desenfreada.

A ideia que se tem de liberdade não permite que a sociedade perceba que as mercadorias se tornaram especí-

ficas, para que sirvam à ordem do capital. As distinções entre as diversas mercadorias no que diz respeito à qualidade, preço e conteúdo, são apenas para aumentar o consumo em massa que seguirá uma categoria já pré-determinada. O comportamento de consumir determinado produto é definido pelo nível social, sob a ilusão de ser uma escolha, já que, na verdade, o produto já foi planejado e previsto para determinado tipo de consumidor. A indústria cultural padroniza a produção artística e cultural que assume padrões comerciais de reprodução em massa.

Durante o período nazista (século 20), toda a arte produzida era forte aliada do sistema para desviar o olhar da população para os reais problemas que atingiam a sociedade. As intenções da indústria cultural apontam para a desqualificação do conhecimento gerador de questionamentos e rompimento de valores. O sistema capitalista está essencialmente ligado à necessidade de consumo, tornando-se um gerador de mercadorias. Estimula a todo instante o produto ao invés do conhecimento, que é transformado em produto elitista, cujo usufruto fica com a própria elite, aumentando o abismo causador da desigualdade social.

A despeito dos parâmetros definidos pelo consumo, a arte agora pode ocupar o lugar que lhe é devido, e ter o seu caráter fundamental compreendido como elemento que distingue as características identitárias de um povo; o criar e o refletir podem, sim, ter uma função social. Além da estética e da comunicação, a arte agrega mais um ingrediente, além de produzir o belo, o feio, o monstruoso, o trágico e o cômico – o necessário para que o observador possa exercer a sua alteridade, sentindo-se parte integrante da família humana.

7.3. A linguagem audiovisual

Composta por três outras linguagens – verbal, sonora e visual – combinadas, a linguagem audiovisual transmite uma mensagem específica que se utiliza de itens visuais: imagens, fotografias, desenhos, gráficos, esquemas, etc.; e sonoros: voz, música, ruído, efeitos onomatopéicos, etc.

A leitura dessa linguagem pressupõe o conhecimento dos seus elementos, códigos e processo de construção. Esses elementos são artefatos culturais que afetam os sentidos da visão e da audição. São tomados como bem de consumo, material de ilustração para os conhecimentos discutidos em sala-de-aula. E nesse sentido, também, podem ser utilizados para alimentar o consumismo da linguagem que afeta profundamente a nossa existência, ao se tornarem uma verdadeira metodologia de alienação cultural.

Entre os gêneros mais consumidos estão: o musical; o artístico-literário: biografias, letras de música; o educativo: diálogo/discussão argumentativa; as pesquisas, resumo, artigos de opinião; a imprensa: entrevista, fotos, notícia, reportagem, sinopses de filmes.

A cadeia produtiva do audiovisual cresceu muito nos últimos tempos e engloba inúmeros serviços e produtos de consumo, tais como: filmes exibidos em cinema; programas de televisão aberta ou fechada; vídeos distribuídos em VHS ou DVD ou exibidos em salas especiais; programas transmitidos por telefonia móvel; vídeos disponibilizados na internet – ficcionais ou documentários, de animação, etc.

Trabalho concluído em 22 de novembro de 2022, data em que é comemorado o Dia do Músico – dia de Santa Cecília, padroeira dos músicos.

*Livro composto em Calibri 12, formato 14,7 cm X 21 cm.
Capa em Triplex 250g/m² e miolo em Pólen 90 gr/m²
Impresso no Brasil na Luci Artes Gráficas Ltda em
dezembro de 2022.*

O projeto Semear Letras & Música é uma parceria, em regime de fomento, estabelecida entre a Administração pública estadual e a organização da sociedade civil Rede de Associados Letras & Artes - LETRART - com recursos oriundos da Emenda parlamentar estadual nº 000481/2021 – Dep. Wanderson Florêncio.

Projeto elaborado por:
Salette Rêgo Barros (produtora cultural)

Secretaria de
Cultura



GOVERNO DO ESTADO
PERNAMBUCO
MAIS TRABALHO, MAIS FUTURO.



novoestilo
edições do autor

Recebi com entusiasmo e alegria o desafio de “Semear Letras e Música”. Um projeto que nasceu na mente de Salete Rêgo Barros foi plantado no meu coração e, agora, estamos semeando com os alunos do ensino médio de escolas públicas de todo o estado de Pernambuco. Como cantora, compositora e comunicadora social me reconheço como parte desse panorama musical vigente, portanto, produzir conteúdos audiovisuais sobre música pernambucana para este público jovem foi uma tarefa extremamente prazerosa. As pesquisas e entrevistas que realizei foram inspiradas pelas musas, guardiãs da memória que cantam a história. E como música é memória e produz memória, aqui estão registros de profissionais que vêm se dedicando a esta forma de exposição que reproduz a essência do mundo e é capaz de exprimir de maneira única, através dos sons, com verdade e precisão, o ser. São instrumentistas, produtores, cantores, compositores, arranjadores, professores, luthiers e técnicos, atuantes no cenário musical contemporâneo desse nosso estado, tão rico e diverso em suas manifestações culturais. Eles amam o que fazem e revelam esse amor, também semeando letras e música no jardim de suas vidas. Sou grata por integrar este projeto. Meu desejo é que vocês, estudantes, possam se inspirar e que encontrem na música um bom caminho para trilhar. Boas escolhas!

Alessandra Cecília Loyo Cavalcanti

